

REVISTA DA

# MANGUEIRA

CARNAVAL 1997

LEI DE  
INCENTIVO  
À CULTURA



MINISTÉRIO  
DA CULTURA



# BATERIA NOTA 10



# OFICINA DE CARNAVAL ESPAÇO PRAÇA ONIZE



Apoio:  
**PROMON**



# O ORGULHO DE SER MANGUEIRENSE

O mangueirense não chora quando perde um carnaval, mas sim quando sua Escola faz um grande carnaval. Um choro gostoso, um choro com muita emoção. O verdadeiro mangueirense se orgulha de empunhar o seu Pavilhão e, quando não pode desfilar, ele vai para a arquibancada com a sua bandeira na mão — que ele beija, morde, sacode e grita bem forte: "vamos Mangueira, eu te amo de paixão". O grande exemplo deste orgulho é ver o ritmista de nossa bateria batendo forte o seu surdo, sangrando as suas mãos. Ali o amor fala mais alto, e ele faz de tudo para honrar a nossa tradição.

Um dia "Papai do Céu" abençoou um grande poeta chamado Paulinho da Viola que, diga-se de passagem, é Portelense e num momento de rara beleza assim escreveu: "a Mangueira é tão grande que nem cabe explicação".

Dizem os mais antigos que se algum dia, na Avenida, precisasse de uma gota de sangue para a Mangueira consagrar-se campeã, teriam que ter milhares de barris, pois, com certeza, no final todos estariam transbordando.

Às vezes me pego pensando nos mestres que hoje fazem companhia a Papai do Céu: Mestre Cartola, Saturnino, Marcelino, Mestre Valdomiro Thomé Pimenta, entre outros, do orgulho que devem estar sentindo lá de cima, em saber que a semente que plantaram cresceu e tornou-se uma bela árvore frondosa, que hoje dá frutos tão saborosos.

Um dia eu ouvi de Mestre Zagaia o seguinte verso: "Eis a razão porque de ano para ano a minha Estação Primeira evoluiu: o samba nasce da semente e a semente do samba só a Mangueira possui".

Hoje, como Presidente da Mangueira, mais do que nunca sei que esta sementinha plantada com certeza é a semente do amor. E neste momento que antecede o nosso desfile na Marquês de Sapucaí quero pedir a todos os meus componentes que lembrem-se do orgulho de ser mangueirense.

Vamos cantar, vamos sambar, bater forte no peito e externar toda essa paixão que sentimos por nossa Escola; pois hoje representamos a esperança de um povo que o refrão ao nosso samba enredo tão bem retrata: "De braços abertos sou o Rio de Janeiro, 2004 é o sonho brasileiro".

**Elmo dos Santos**

Presidente





## Diretoria da Mangueira

**Presidente:** Elmo José dos Santos

**Vice-presidente:** Walter Martins de Miranda

**Tesoureiros:** Elias João Richa Filho e Nilton de Oliveira

**Secretárias:** Eli Gonçalves da Silva e Margarida Jesuino da Silva

**Departamento Social:** Irineu Pires, José Omy Campos, Luiz Eduardo J. F. Bahiana, Norma Alves Lima e José Simões Vieira

**Departamento Feminino:** Lizonete Freitas de Almeida e Marcia da Silva Machado

**Departamento Jurídico:** Mario Cesar Fontes de Vasconcelos e Luiz André de Barros Vasserstein

**Departamento Médico:** Nadia Pereira Christino, Luiz Carlos Caetano dos Santos e Luiz Roberto Tenório

**Patrimônio:** Telmo José dos Santos, José Luiz de Souza e Edson Marcos Gaspar de Andrade

**Departamento de Esportes:** Francisco Manuel de Carvalho, Agrinaldo de Sant'Anna e Marcos Antônio Gomes

**Departamento Cultural:** José Maria Guimarães Monteiro, Paulo Ramos e Terezinha Labruna

**Departamento de Divulgação:** José Manoel Lombardi Filho, Anésio dos Santos e Alberto Miranda

**Assessoria de Imprensa:** Ubirajara Maximino

**Procuradoria:** William Silva dos Santos e Hilton Cosme Rezende

**Harmonia:** Olivério Ferreira (Xangô), Edson Goes e Dilmio Emídio Ferreira

**Administradores:** Edinaldo Carlos de Souza Lima e Osny Santos de Melo

**Diretor de Eventos:** Álvaro Caetano

**Assessora da Presidência:** Célia Regina Domingues

**Assessores:** Sebastião Ramos, Ubirajara da Silva, Alberto Pontes, Waldir José Claudino e Carlos Alberto da Silva

### Conselho Deliberativo

**Presidente:** Arthur Bittencourt Rosa

**Vice-presidente:** Lomelino Ribeiro

**1º Secretário:** Jorge Luiz Fernandes

**2º Secretário:** Geraldo Galiza

**Membros:** Agdenor F. de Souza, Alice J. Coelho, Antero Teixeira, Antônio Geraldo Vilas, Carlos Alberto Duarte, Cezar Machado, Damião Dias da Rocha, Dante Careli, Davina de Oliveira, Genésio Veloso, Geraldo Fontes Fonseca, Gilberto de Moraes, Jorge Barbosa, Jorge P de Melo, Jorge Washington Martins, José Narciso Bregogério, José Simões, Léa de Araújo, Moacir de A. Castelo Branco, Moacyr Barreto Silva Júnior, Uilta Borges de Souza, Wagner F. Soares, Waldir de Almeida, Waldir José Claudino, Walteir C. Nascimento, Wilson Bezerra Nascimento, Zélia Moreira de Araújo

### Conselho de Carnaval

**Presidente:** Percival Pires

**Vice-presidente:** Eli Gonçalves da Silva

**Membros:** Adair da Silva Machado, Alcione Vieira Pinto Barreto, Álvaro Luiz Caetano, Avelino Pacheco, Célia Regina Domingues, Edson Marcos Gaspar de Andrade, Elias João Richa Filho, Elmo José dos Santos, Francisco Manuel de Carvalho, Jorge Luiz Fernandes, José Luís de Souza, José Maria Guimarães Monteiro, Moacyr Barreto Silva Júnior, Nilton de Oliveira, Paulo Ramos, Roberto Fernando Paulino e Walter Martins de Miranda

### REVISTA DA MANGUEIRA

Uma publicação anual da

ZMM Rio Comunicação e Marketing

Rua Ipu - nº 20 - Botafogo

Rio de Janeiro - Tel. (021) 539.0699

**Coordenação geral:** José Maria Monteiro e Osvaldo Martins

**Editora:** Cláudia Bensimon

**Coordenação editorial:** Via texto - Tels. (021) 262.5215 e 240.0556

**Jornalistas Responsáveis:** Cláudia Bensimon (MTb 18.164) e

Vania Mezzonato (MTb 14.850)

**Programação Visual:** Mariza Good - Tel. (021) 227.1102 -

Capa: Nilton Claudino (foto) e Mariza Good (produção gráfica)

### Colaboradores

**Repórteres:**

Alexandre Medeiros, Aziz Filho, Elaine Maciel, Irany Tereza, Luciana Conti, Marceu Vieira, Martha Esteves e Vicente Datolli.

**Fotografia:** Nilton Claudino, Paulo Toscano (D. Ruth Cardoso), Agência O Dia e Agência O Globo

**Ilustrações:** Cláudio Duarte

**Fotolito:** Quimicolor

**Impressão:** Gráfica Padilla (SP)

# 6

## CAPA

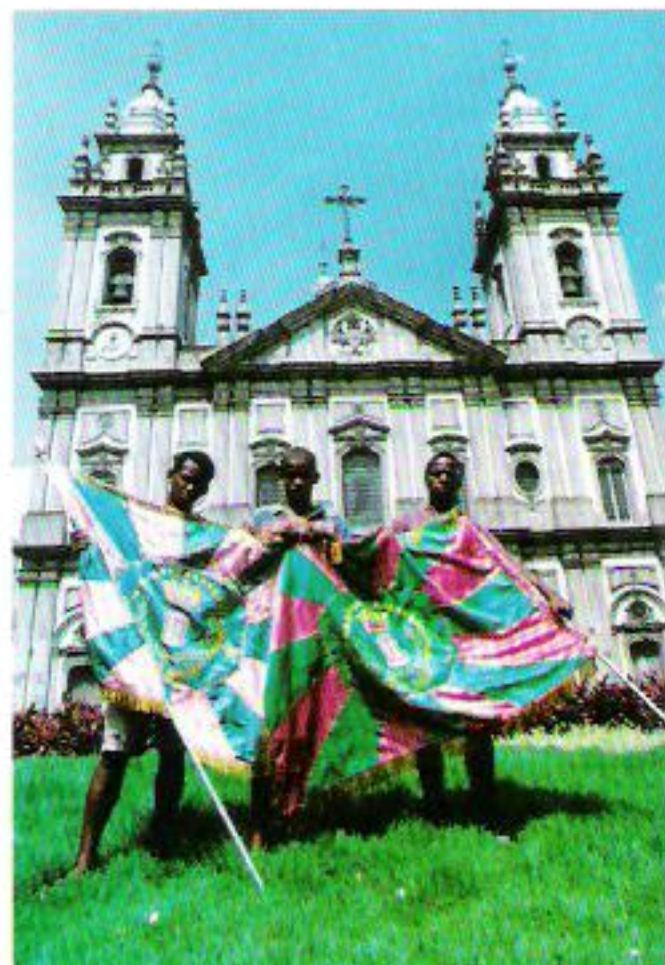
A Bateria da Mangueira está despontando em primeiro lugar no *ranking* da Liga Independente das Escolas de Samba. Ao longo de toda a história dos desfiles no Rio, foi a bateria que mais levou notas 10 — ou, como se diz na antropologia do morro que lhe empresta o nome, não é nem nota 10 — é bateria nota 1000.

Esse batalhão da resistência estará na Avenida no domingo de carnaval representado por 250 ritmistas que, mais um ano, defenderão as cores da escola na Marquês de Sapucaí.

# 14

## OFICINA DE CARNAVAL

Embalada pelo sucesso dos projetos sociais e culturais de sua própria lavra, a Mangueira se lançou ao desafio de criar programas para meninos de rua: o Espaço Praça Onze e o Oficina de Carnaval.







## 18 CUIQUEIROS MIRINS

O time dos 12 meninos cuiqueiros, treinados por Chuchu, tornou realidade um antigo sonho de mestre Valdomiro

## 20 BALUARTES

Mais do que velha-guarda, sinônimo de antigüidade numa escola, o termo "baluartes", adotado na verde e rosa, pode ser traduzido por dedicação, união em torno de uma causa. Difícil de entender? Só pra quem é de fora. Na Mangueira, isso é coisa natural.

## 26 ENREDO

O enredo "O Olimpo é Verde e Rosa", escolhido pela Mangueira, ajuda o Rio na luta para sediar as Olimpíadas de 2004 ao mesmo tempo que presta homenagem a quem muito fez pela escola.

## 34 MANGUEIRA DO AMANHÃ

Os meninos e meninas da Mangueira começam sua carreira no mundo do samba dando seus primeiros passos na Escola de Samba Mirim Mangueira do Amanhã. O sonho e a emoção de desfilar na Sapucaí, este ano, serão divididos por dois mil crianças com idades entre seis e 16 anos.

### E MAIS...

PESQUISA DO GERP.....	10
DEPARTAMENTO FEMININO.....	24
DEPARTAMENTO ESPORTIVO.....	32
CENTRO DE MEMÓRIA.....	38
POSTO MÉDICO.....	40
GESTÃO.....	42
NOMES & NOTAS.....	45
TELEVISÃO.....	46







# É NOTA 1000!

Marceu Vieira

Certa vez, com sua expressão sincera e sempre cheia de lirismo, o professor Darcy Ribeiro, brasileiro grande toda vida, definiu assim a bateria da Estação Primeira de Mangueira: "É uma beleza." Com o perdão do professor Darcy, é muito mais que isso. Vê-la tocar, na quadra ou na avenida, causa enlevo, embevecimento. Quando se entrega, caprichosa, a suas evoluções e alegorias feitas de batuque, fica difícil manter a atenção no desfile. Só se olha para ela. Como se diz na antropologia do morro que lhe empresta o nome, não é nem nota 10 — é bateria nota 1000.

Pois a bateria da Mangueira, escola mais querida desta terra, está despontando em primeiro lugar no *ranking* da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa). Ao longo de toda a história dos desfiles no Rio, foi a bateria que mais notas 10 levou. "Nosso sucesso é resultado do respeito à tradição", diz Robson Roque, 30 anos,

um anônimo tocador de caixa de guerra, que desde os 8 anos de idade doa força e talento ao escreto do ritmo verde e rosa. "O samba foi virando marcha. Mas a nossa Mangueira resistiu", ele faz constar.

Esse batalhão da resistência é formado por 509 ritmistas, mas apenas 250 terão o privilégio de representar a escola na Marquês de Sapucaí no domingo de carnaval. "Se quisesse, Mangueira poderia sair na Sapucaí e, no mesmo dia, apresentar-se em São Paulo ou em qualquer lugar. Estrutura para isso não nos falta", enche-se de orgulho Ubiraci de Oliveira, o Birinha, 43 anos, um dos cinco mestres da "bateria nota 1000", definição que também aparece estampada numa das paredes da velha quadra da Rua Visconde de Niterói, no sopé do morro.

**Renovação** — Estarão na avenida 17 chocalhos, 20 *maracanãs* (os surdos grandes), 25 surdos-mor (menores, para marcação), 55 caixas, 38 repiques, 28 tamborins, cinco agogôs, três reco-reco e 34 cuícas. Completando o time

Parte da Bateria da Mangueira: estarão na avenida 17 chocalhos, 20 *maracanãs* (os surdos grandes), 25 surdos-mor (menores, para marcação), 55 caixas, 38 repiques, 28 tamborins, cinco agogôs, três reco-reco e 34 cuícas



de 250, vão a Velha Guarda da Bateria, formada por veteranos que desfilam com seus sucessores sem tocar, e a garotada do grupo Cuiqueiros do Amanhã, composto por meninos da Mangueira treinados para renovar uma espécie em extinção no mundo do samba — a do tocador de cuíca (veja reportagem à página 18).

Cuíca é prioridade na bateria da Estação Primeira. E Gerson Lima de Oliveira, o Ruço, tocador de caixa, leva a regra tão a sério que a levou para dentro de casa. Ele é pai de um dos meninos cuiqueiros. "Gersomar está tocando muito bem", Gerson se derrama de orgulho pelo filho, de 13 anos. Há 20 anos na bateria da verde e rosa, Gerson também é mestre — a condição do ritmista que se destaca por dominar todos os instrumentos, do bumbo ao pandeiro, da cuíca ao repique, da caixa de guerra ao agogô. Os demais são mestre Zé Campos, mestre Ailton e mestre Alcir Explosão, presidente da bateria e, portanto, seu comandante. "Para virar mestre, é preciso dedicação", ensina o caminho das pedras mestre Alcir Explosão, 34 anos, 27 de bateria.

Dedicação parece sobrar na bateria da Mangueira. Nos ensaios, por exemplo, quando dá 4h, 4h30 da manhã, a turma insiste em continuar tocando. "Sem querer desmerecer as demais, nossa bateria é a única que pode bater no peito e dizer: se saímos com 250 ritmistas, temos 250 mestres. O pessoal é muito bem preparado", diz Birinha.

Quem a assiste não duvida. Ao contrário da maioria das escolas, mestre a Mangueira faz em casa. Almir



O presidente da bateria, Alcir Explosão, à esquerda, ao lado do mestre Ailton: "Para virar mestre, é preciso dedicação".

Bonfim Fernandes, 50 anos, tocador de agogô, sonha com o dia em que se tornará um deles. "Toco há seis anos. Antes, era passista. Sempre gostei de ser ritmista, mas tocava sem compromisso", conta. Almir atribui o sucesso da "bateria nota 1000" à sua marcação peculiar, de uma batida só, diferente das demais escolas. "Nossa bateria é a única que usa o surdormor", ele revela o segredo.

**Batida diferente** — Edmárcio Domingos da Silva, 23 anos, tocador de tamborim, tem um testemunho exemplar sobre a batida diferente da Mangueira. "Já houve ocasião de visitarmos outras escolas e eles tentaram tocar nosso samba. Nunca deu certo. Mas, ao contrário de todos eles,

nós conseguimos executar o samba de qualquer escola. Fazemos qualquer batida", garante Edmárcio.

Entrar para esse escreto de ritmistas não é fácil. Luís Carlos Martins, de 42 anos, tentou duas vezes. Levou bomba na primeira tentativa, não desanimou e conseguiu na segunda. "Toco há oito anos. É disputadíssimo", vai logo avisando.

Os testes começam em agosto, junto com os ensaios. Não há burocracia. O candidato pede para tocar, é observado pelos mestres até às vésperas do carnaval e, se for bom de verdade, é aceito. A aprovação, no entanto, não garante uma vaga no desfile. "Às vezes, o camarada leva dois, três anos para sair. Enquanto isso, fica só participando dos ensaios", resume mestre Birinha. Luís Carlos cumpriu esse noviciado. "Eu já não agüentava mais. Sempre colaborei com a bateria. Tocar era um sonho de criança", recorda.

**Solo marcante** — Ele não estava na bateria no ano em que seus bravos ritmistas levantaram a Marquês de Sapucaí com seu solo mais marcante. Foi em 1984, quando a Estação Primeira saiu da avenida supercampeã do car-



**O ritmista se destaca por dominar todos os instrumentos, do bumbo ao pandeiro, da cuíca ao repique, da caixa de guerra ao agogô**



naval, depois da finalíssima com a eterna rival Portela. Seu enredo, *Yes, nós temos Braguinha*, homenageava o autor de *Copacabana*, *princesinha do mar* e *Balancê*. Era o primeiro ano do Sambódromo. E, na finalíssima, a bateria da verde e rosa surpreendeu a platéia: ao chegar à Praça da Apoteose, deu meia volta e puxou a escola para outro desfile, na contramão. Coisas da Mangueira.

Em depoimento ao jornalista Vicente Dattoli, do *Jornal do Brasil* — que prepara um livro de histórias que povoam os desfiles —, Elmo José dos Santos, presidente da escola, declara: "Em 67 e 68, anos em que a Mangueira foi bicampeã, eu tocava caixa de guerra na bateria mirim. Saímos do desfile com a certeza do título. Em 68, meu Tingüinha, ficou tão entusiasmado que chegou a pedir para a rapaziada voltar a pé para a quadra tocando. Felizmente, alguém lembrou que, se isso acontecesse, íamos acabar parando em todas as ruas para fazer a festa do pessoal."

Elmo não é exceção. Como nos clubes de futebol mais bem estruturados, a bateria da escola forma seus talentos numa espécie de *divisão de base* — no caso, a bateria mirim, estrela dos desfiles da Mangueira do Amanhã, escola formada pela garotada do momo. Segundo Luís Carlos Martins, de 70% a 75% dos integrantes da bateria principal vêm do time mirim.

**Craques do bumbo** — Muitos dos meninos são filhos de craques do bumbo, repique, pandeiro, tamborim. Ou até netos de bambas do passado. Mestre Birinha, por exemplo, é de uma linhagem. Seu pai, Osvaldo Vitalino de Oliveira, o Padeirinho, foi um dos maiores compositores da Mangueira. E seus três filhos já tocam na bateria. O mais velho, Ubiraci, de 21 anos, é um tocado, segundo o pai coruja. E, garante Birinha, está a caminho de se tornar um mestre. Daniel, de 12 anos, e Danielson, de 10, estão na bateria da Mangueira do Amanhã. "Danielson é conhecido como Neném Bagunça", o pai entrega o apelido do menino.



Gérson Lima de Oliveira, o Ruço, tocador de caixa, leva a bateria tão a sério que a levou para dentro de casa. Ele é pai de um dos meninos cuiqueiros



Robson Roque, 30 anos, um anônimo tocador de caixa de guerra, doa força e talento ao escrete do ritmo verde e rosa desde os 8 anos: "nosso sucesso é resultado do respeito à tradição"

A própria história da bateria é assim. Seu grande mestre fundador foi Valdomiro Thomé Pimenta, que morreu há 14 anos. Foi com ele que quase todos ali aprenderam. Mestre Birinha — de novo — é um deles. "Foi em 1965. Fiz parte da primeira bateria mirim da história do carnaval."

Não é o único. Há até veteranos como Cândido de Sousa, de 65 anos, que se aperfeiçoaram com os ensinamentos refinados de mestre Valdomiro

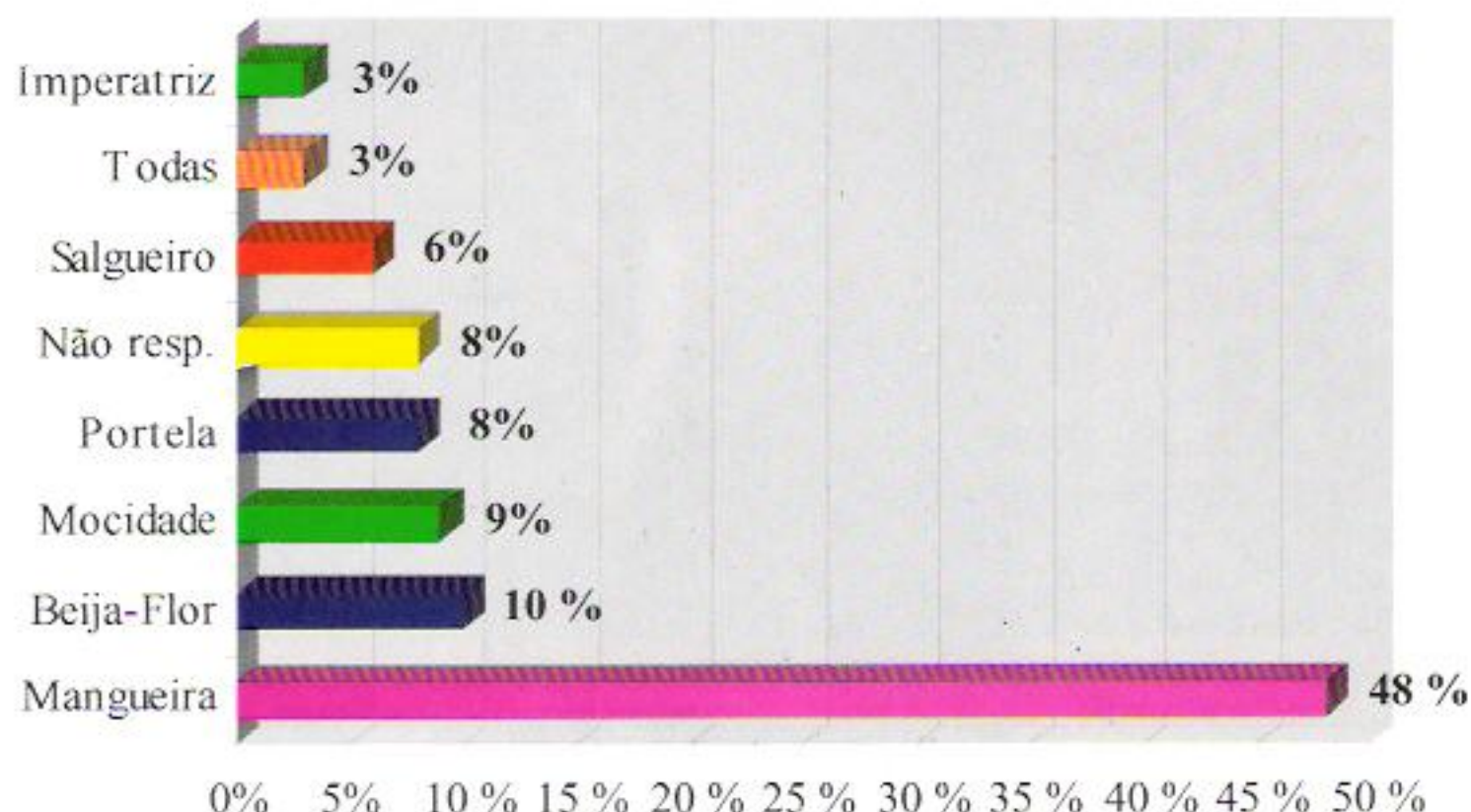
e hoje já aposentaram as baquetas. Integrante da Velha Guarda da Bateria, Cândido tocava tarol. E, dizem seus contemporâneos da Mangueira, era um craque no batuque.

"Já fui cimento Mauá. Hoje sou barro vermelho", Cândido ri da própria condição. "Quando comecei a cansar, bem que tentei enganar meus diretores. Mas não teve jeito", recorda. "A bursite me impede de bater. E eu não estou aqui para prejudicar minha escola. Quero ver a minha Mangueira lá nas alturas", Cândido refaz a profissão de fé de quem carrega no bolso uma foto do Papa João Paulo II e, junto, a velha carteirinha, já meio gasta, de sócio-fundador da bateria nota 1000. ■

Marceu Vieira é repórter especial do *Jornal do Brasil*



## QUAL É A ESCOLA DE SAMBA MAIS QUERIDA PELA POPULAÇÃO



# A MAIS QUERIDA

*Aziz Filho*

Agora é científico. A Estação Primeira é a escola de samba mais tradicional, mais querida e que tem a maior torcida. A conclusão não é de nenhum sambista fanático, mas de uma minuciosa pesquisa feita pelo Instituto Gerp na região metropolitana do Rio. Quarenta e oito por cento dos 1.200 entrevistados disseram

que a Mangueira é a escola mais querida da população. O espantoso índice é quase quatro vezes maior do que o percentual de pessoas que citaram a verde e rosa como sua escola preferida: 17%. Conclusão do instituto: a imagem da Mangueira é tão forte que supera a realidade. A escola também ocupa a liderança, com o maior número de torcedores e simpatizantes.

O Gerp mediu ainda o tamanho da população que torce por alguma escola de samba. O número é animador para os sambistas: 74% se disseram integrantes de alguma torcida. De cada dez pessoas, portanto, pelo menos sete têm uma preferência. Entre os que se declararam torcedores, o percentual de mangueirenses é de 23%. Em segundo lugar vem a Beija-Flor, com 18%, graças





**"As pessoas gostam de torcer pela escola tradicional.**

**A Mangueira, principalmente para o leigo, é um símbolo do Carnaval, seu nome lembra escola de samba"**

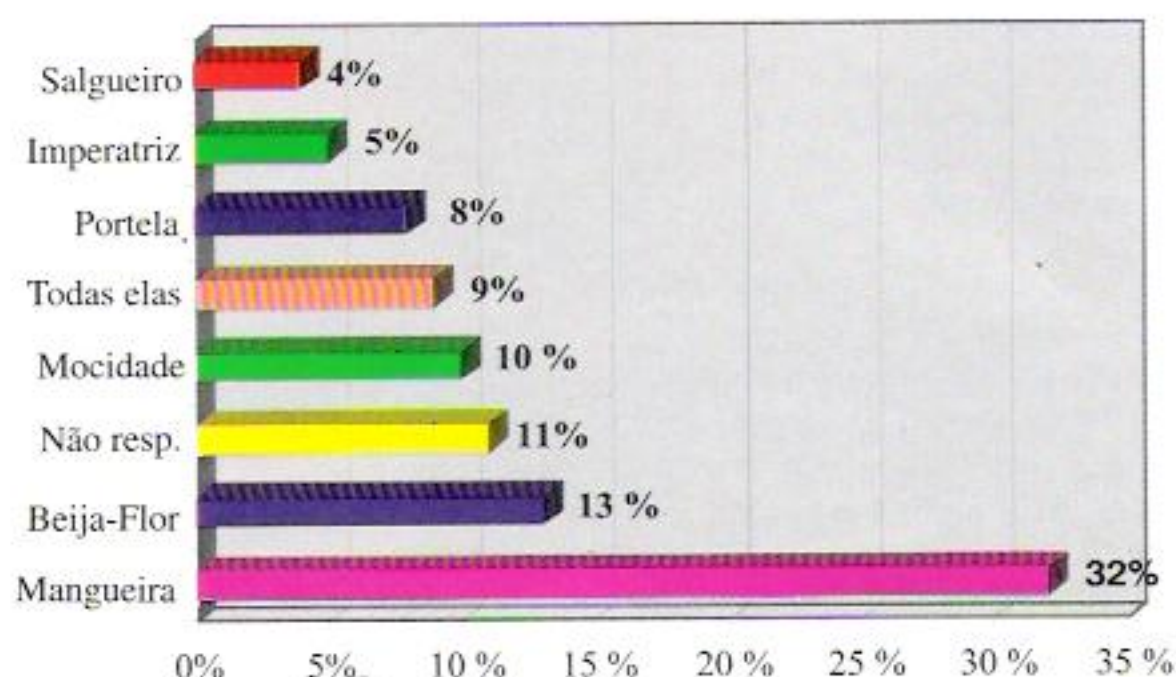
**Otávio Schilithz**

ao peso maciço de sua torcida em Nilópolis, onde tem 79% da preferência. Não fosse a cidade cujo nome carregou para a Sapucaí, a Beija-Flor não estaria tão bem no ranking. Em terceiro lugar no coração dos que efetivamente torcem por uma escola está a Portela, com 14%, praticamente empatada com a Mocidade Independente de Padre Miguel (13%) e bem à frente do Salgueiro (8%).

**Capital magueirense** — Também foi medido pelo instituto a força de cada escola junto a toda a população, incluindo aí as pessoas que se disseram indiferentes ao mundo do samba: a Mangueira tem 17% dos simpatizantes, seguida pela Beija-Flor (13%), Portela (10%), Mocidade (10%), Salgueiro (6%), Imperatriz Leopoldinense (5%), Estácio de Sá (3%), Viradouro (3%) e Império Serrano (2%). Enquanto a Beija-Flor tem a força de Nilópolis, a capital é magueirense: a verde e rosa tem 18% de seguidores, enquanto a Beija-Flor fica com 8%, atrás da Mocidade e da Portela, ambas com 10%. A Imperatriz e o Salgueiro têm 7% cada na capital.

A pesquisa foi feita entre os dias 15 e 18 de outubro último nas seguintes cidades: Rio, Caxias, Nova Iguaçu, Belford Roxo, Nilópolis, São João de Meriti, Queimados, Niterói e São Gonçalo. Uma curiosidade é que a Unidos da Viradouro não tem em sua base — Niterói e, principalmente, São Gonçalo — a hegemonia que

## ESCOLA DE SAMBA QUE MAIS REPRESENTA O CARNAVAL DO RIO DE JANEIRO



a Beija-Flor exerce em Nilópolis (79% de preferência). Em São Gonçalo, que tem a segunda maior população do Estado, a Viradouro tem 17%, praticamente empatada com a Mangueira (16%). A Porto da Pedra, também da região, tem apenas 11%. Em Niterói, a Viradouro já tem um pouco mais de força: 21%, contra 16% da Mangueira.

Vários fatores, segundo o coordenador da pesquisa e vice-presidente técnico do Gerp, Otávio Schilithz, contribuem para a liderança da Mangueira entre as escolas de samba mais populares. Um deles seria o grande número de ícones do samba que estão vinculados à escola: Cartola, Jamelão,

Carlos Cachça, Delegado, Mocinha, Dona Zica, Dona Neuma. O fato de ser a escola mais tradicional também conta ponto a favor, segundo Schilithz.

**Escola tradicional** — "As pessoas gostam de torcer pela escola tradicional. A Mangueira, principalmente para o leigo, é um símbolo do Carnaval, seu nome lembra escola de samba. Se ela tivesse vencido nos últimos dez anos, teria ainda mais popularidade, atrairia mais jovens e pessoas que não são tão envolvidas com Carnaval, ou seja, os que mudaram de opinião nos últimos anos. Por isso é que a Mocidade aparece na pesquisa e a Império Serrano, que foi uma grande escola, está no fundo do poço. A Imperatriz tem 4% por causa das vitórias que teve. Se a Mangueira tivesse ganho esses campeonatos, certamente teria mais esses 4% da Imperatriz", analisa Schilithz.

Quando o Gerp perguntou ao entrevistado — independentemente de sua simpatia por alguma agremiação — qual a escola de samba mais querida pela população, a Mangueira foi citada por nada menos do que 48%, o mesmo índice dos que a apontaram como a escola de samba



**O enredo da Mangueira foi maciçamente aprovado pela população. Nada menos que 78% disseram que falar sobre as Olimpíadas de 2004 é importante para o projeto que hoje mobiliza a cidade**



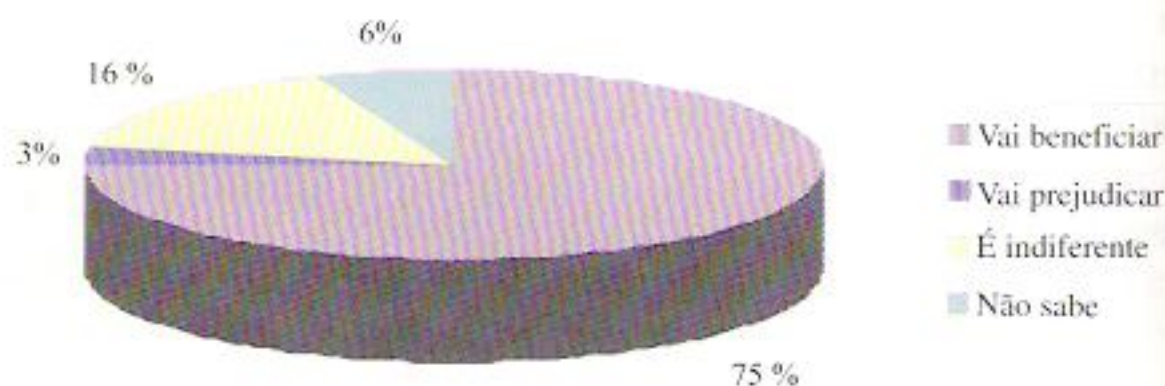
mais tradicional. Para 10%, a Beija-Flor é a mais querida. Isso significa que a Mangueira é reconhecida como a mais querida com um índice cinco vezes maior do que o da segunda colocada. A terceira é a Mocidade, com 9%. A verde e rosa é a mais tradicional para 48% das pessoas, seguida pela Portela (12%) e pela Beija-Flor (10%).

É também na Mangueira, na opinião de 34% da população, que estão os melhores sambistas. Em segundo lugar aparece a Beija-Flor (11%), em terceiro a Mocidade (9%) e a Portela (8%). A verde e rosa é vista também como uma espécie de relações públicas do Carnaval carioca. Para 32%, é a escola que mais representa o Carnaval do Rio, contra 13% da Beija-Flor, 10% da Mocidade e 8% da Portela.

O enredo da Mangueira para o desfile de 1997 foi maciçamente aprovado pela população. Nada menos que 78% disseram que um enredo sobre as Olimpíadas de 2004 é importante para o projeto que hoje mobiliza a cidade. A turma do contra é pequena: reduzidos 3% disseram que o enredo vai prejudicar as pretensões cariocas. Argumentam que samba nada tem a ver com esporte ou que os torcedores de outras escolas ficarão contra as olimpíadas no Rio. Seis por cento disseram que o enredo é mais ou menos importante, 9% disseram que tem pouca importância e 5% não souberam o que responder.

**Patrocínio** — A pesquisa procurou também medir o efeito que o patrocínio a uma escola de samba tem, na opinião da população. Todos os caminhos, mais uma vez, levam à Estação Primeira. A maioria (73%) diz que uma empresa se beneficia ao patrocinar uma escola, por vários motivos: vai ficar mais conhecida (64%), vai vender mais produtos (17%), vai divulgar mais os produtos (13%) e vai melhorar sua imagem (13%). Apenas 9% acham que o pa-

## INFLUÊNCIA DO ENREDO DA MANGUEIRA NO PROJETO DE TRAZER AS OLIMPÍADAS PARA O RIO DE JANEIRO



**"A receita é que continuamos batendo forte no peito e dizendo: sou amor e esperança, sou Mangueira até morrer"**

**Elmo dos Santos**

trocinio prejudica a empresa, por ser desperdício de dinheiro ou pelo perigo de desagradar os torcedores das outras escolas. Na hora de patrocinar uma escola, qual delas deve ser procurada? Para 23%, a Mangueira, mais uma vez um número superior ao dos torcedores da escola (17%). Para 9%, o patrocínio deveria ir para a Beija-Flor, enquanto outros 9% citaram a Portela.

O presidente da Mangueira, Elmo dos Santos, comemorou mas não se mostrou surpreso com o resultado da pesquisa. Outro não poderia ser, segundo ele, porque a Mangueira sempre cuidou com zelo radical de seu patrimônio maior, a tradição. "Não mudamos nossas tradições, não nos deixamos prostituir pelo modernismo que corre no Carnaval. A Mangueira do Amanhã, nosso mais apaixonado projeto, segue no mesmo caminho. Recebemos hoje o prêmio

de melhor trabalho social do Terceiro Mundo, da Unicef e da BBC de Londres. As pessoas sabem disso e reconhecem nossos esforços. Estamos garantindo o futuro do samba. A Portela, por exemplo, que escola ela tem para dar seguimento ao trabalho dos velhos sambistas? Não tem", compara Elmo.

**Cor do amor** — Segundo o presidente da Mangueira, a verde e rosa é a única escola que tem um desfile com mais de 50% de integrantes vindos da comunidade. Não foi à toa que a construção de um carro alegórico foi suspensa para que o dinheiro fosse repassado à confecção de fantasias para moradores do morro. Enquanto o verde representa a esperança — expressa com intensidade na Vila Olímpica da Mangueira — o rosa é a cor do amor, explicava Dona Neuma quando Cartola definiu as cores da escola. Dona Neuma dizia que nada se faz na vida se não colocar na frente o amor. Muito menos se chega ao primeiro lugar no *ranking* de popularidade das grandes escolas de samba do Rio. "A receita é que continuamos batendo forte no peito e dizendo: sou amor e esperança, sou Mangueira até morrer", diz Elmo. ■

Aziz Filho é repórter do jornal *O Globo*





## Se você não fizer a escolha certa, um filme de comédia pode virar terror.

Com a expansão das redes de TV a cabo no Brasil, problemas na recepção de imagens tornam-se mais evidentes, pois a qualidade dos sistemas influenciam muito na eficiência das transmissões. Por isso, a Furukawa só oferece a seus clientes o que há de melhor no mercado de Redes de Faixa Larga.

Num serviço único, a Furukawa está presente em todas as etapas, atendendo a seus clientes desde o projeto, fornecimento de equipamentos, acessórios e cabos até a instalação e assistência técnica. Assim os riscos são eliminados e a Furukawa assume a responsabilidade de executar um serviço rápido, eficiente e adequado.

A Furukawa não deixa seus clientes sozinhos. Com seu eficaz sistema de suporte, ela garante que as imagens cheguem no lugar certo e na hora certa. Porque na Furukawa, filme de terror é terror e filme de comédia é comédia.

DESTAQUE  
DO ANO/96  
SETOR DE  
FIOS E CABOS



PELA SEGUNDA VEZ  
CONSECUTIVA.  
OBRIGADO.



# **FURUKAWA**

**SOLUÇÃO EM COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO**

DDG: 0800-41-2100



**S**e solidariedade tivesse cor, seria verde e rosa. Só assim, buscando explicação no inexplicável, talvez seja possível compreender o que estaria movendo a Estação Primeira de Mangueira em direção ao asfalto para doar tempo e dedicação à salvação da meninada sem nada, que dorme e perambula pelas ruas do Centro da cidade. Com a ousadia e a experiência de quem, com projetos de sua própria lavra, conseguiu baixar a zero o índice de criminalidade entre suas crianças, Mangueira acaba de inaugurar em sua quadra de ensaios do Centro dois programas para meninos de rua — o Espaço Praça Onze e o Oficina de Carnaval. "O Brasil deveria imitar Mangueira", dá a sua sentença o juiz da 1ª Vara da Infância e da Adolescência do Rio, Siro Darlan, que põe fé na estatística sobre a criminalidade infantil em Mangueira.

Vontade sempre foi o principal ingrediente da receita de sucesso dos projetos sociais e culturais para crianças em Mangueira. "No começo, fazíamos as reuniões sobre os programas debaixo do viaduto, em frente ao morro. Não havia nem patrocínio, nem nada, só vontade mesmo", lembra Francisco de Carvalho, o Chiquinho, cidadão de bem que, além de ser o comandante da Vila Olímpica mangueirense, é subsecretário es-



A atleta Tamara foi a primeira signatária do documento que tornou a cidade candidata à sede das Olimpíadas de 2004. O segundo nome foi o do presidente Fernando Henrique Cardoso

# UMA FÁBRICA DE SONHOS





**"Atribuo a redução da criminalidade exclusivamente à comunidade da favela, que trata suas crianças com dignidade. Criança que é tratada com respeito não vira infratora. O Brasil deveria imitar a Mangueira"**

**Siro Darlan** (juiz)

tadual de Cultura e Esporte. Hoje, dez anos depois da concretização do primeiro sonho — a vila, construída num terreno da Central do Brasil pegado à escola —, as 5 mil crianças do morro são atendidas por projetos dirigidos à infância. Só a Vila Olímpica atende a cerca de 1,2 mil meninos e meninas da comunidade

e de fora dela. Os demais programas, Vem Pra Mangueira e Camp Mangueira, ensinam um ofício e dão ocupação à meninada.

**Respeito** — Tanto sucesso — o Camp Mangueira, por exemplo, tem convênio com 62 empresas da cidade, aos quais fornece a mão-de-obra de suas crianças — levou a escola verde e rosa também a se lançar pioneira nos dois novos projetos para a garotada de rua. O sonho mangueirense é atender a 120 crianças do Centro da cidade. "Vontade não nos falta. Peço a Papai do Céu para nos dar força para concretizar esse sonho", diz o presidente da escola, Elmo José dos Santos. O objetivo é reduzir a criminalidade infantil no Centro da cidade em 40%. "Atribuo isso exclusivamente à comunidade da favela, que trata suas crianças com dignidade. Criança que é tratada com respeito não vira infratora", testemunha o juiz Siro Darlan.

Os dois projetos para meninos de

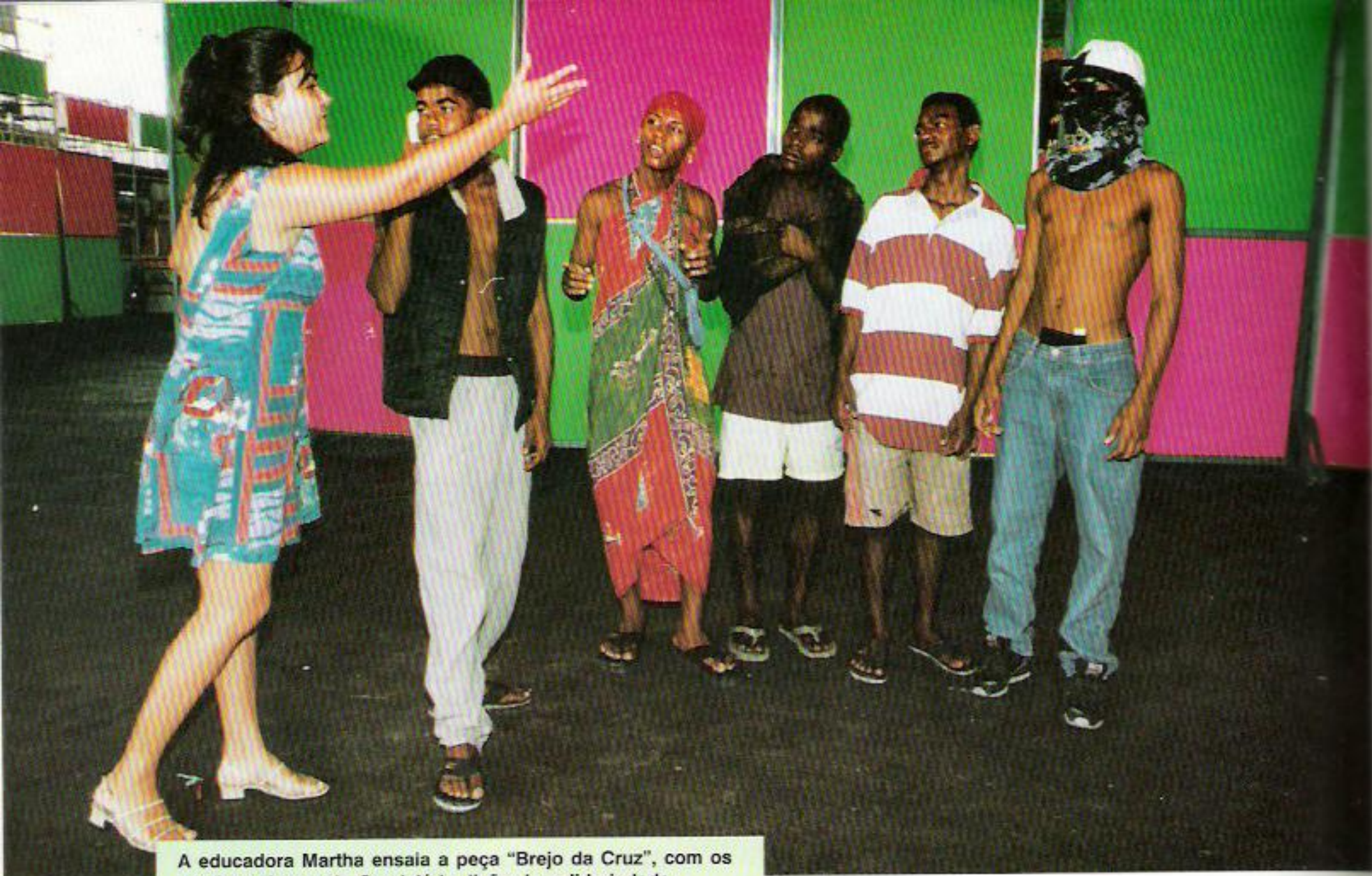
rua ainda estão dando os primeiros passos. Funcionam no antigo barracão de alegorias da escola, na Praça Onze, que virou uma espécie de ateliê de carnaval, onde a garotada é matriculada em cursos de confecção de fantasias e adereços, oficinas de artes plásticas, escolinhas de teatro e circo, de música, de disc jôquei e até tem aulas de processamento de dados. "Os meninos são umas feras. A tarefa não é fácil", diz Chiquinho.

Não é mesmo. É a primeira dificuldade é atrair os meninos. Curtidos nas asperezas da vida miserável, os garotos desconfiam da solidariedade. A abordagem começa com uma

**D. Ruth Cardoso recebe os representantes da Mangueira, para conhecer seus projetos sociais, no Palácio Laranjeiras, no Rio, dia 30 de janeiro. Da esq./dir.: José Maria Monteiro, Alvaro Caetano, Elmo dos Santos, Dona Neuma e Chiquinho Carvalho.**







A educadora Martha ensaia a peça "Brejo da Cruz", com os meninos de rua da Candelária: lição de solidariedade

van, doada pela Loterj, toda pintada de verde e rosa. É a isca. Com ela, funcionários da Secretaria de Desenvolvimento Social, parceira do projeto, atraí a criançada para o antigo barracão que virou quadra.

**Projetos culturais** — Parceria, aliás, é o que não falta na execução do projeto Oficina de Carnaval. A União também participa, cedendo um galpão da Companhia das Docas, no Cais do Porto, para onde foi transferido o barracão de alegorias. Além disso, reconheceu os projetos como "culturais" — o que, na prática, dá direito a benefícios fiscais às empresas patrocinadoras. O Governo do Estado é o terceiro parceiro. É dele o terreno onde fica o galpão da Praça Onze, cedido em comodato por tempo indeterminado. "É mais um desafio. Mas vamos conseguir", afirma o presidente Elmo.

Na Oficina, os meninos de rua aprendem ofícios comuns no ambiente do barracão: borracheiros, mecânicos, escultores, carpinteiros, pintores, costureiras e bordadeiras. "É

o primeiro passo para, quem sabe, transformá-los em futuros vitrinistas de shoppings, iluminadores ou até mesmo figurinistas", acredita José Maria Monteiro, diretor cultural da escola, um abnegado que deita falação de poeta quando o assunto une criança e Mangureira. "O objetivo da Oficina é tentar botar essas crianças no mercado formal. Isso quer dizer que elas terão um documento, a Carteira de Trabalho", diz.



**A primeira dificuldade é atrair os meninos. Curtidos nas asperezas da vida miserável, os garotos desconfiam da solidariedade. A abordagem começa com uma van, doada pela Loterj, toda pintada de verde e rosa. É a isca**

O contato com os meninos de rua é uma troca. Todos aprendem: professores e crianças. Em janeiro, por exemplo, a garotada surpreendeu a todos na quadra da Praça Onze com a montagem de uma peça baseada na canção Brejo da Cruz, de Chico Buarque. A música fala do drama da infância abandonada. E seu resultado alimentou ainda mais a esperança no sucesso do projeto.

**Imagem** — Essa vontade de acertar levou Zé Maria a pedir um encontro com o presidente Fernando Henrique Cardoso, no segundo semestre do ano passado. Atendido, embarcou para Brasília acompanhado de Elmo, Chiquinho, do diretor Percival Pires e de Dona Neuma e Dona Zica, heroínas que simbolizam a tradição manguereense. Na audiência, nada pediram além do prestígio do nome e de uma foto ao lado do presidente. A imagem do encontro ilustra o livro de 40 páginas em que a Mangureira apresenta os dois projetos e pede a ajuda de empresá-



os. Dona Ruth gostou tanto que declarou ser da Mangureira o mais ambicioso e bem sucedido programa dedicado à infância carente.

O elogio de Dona Ruth é um troféu para Mangureira — mas não o único. Há pouco tempo, a escola também recebeu um prêmio da BBC de Londres, que enviou emissários ao Terceiro Mundo para avaliar projetos dirigidos a crianças pobres. Os representantes ingleses rodaram pela América Latina, foram aos quintos da indigência da Terra, viram de tudo. Até se encantarem com Mangureira. "Quando se percebe que a intenção é séria, e que produz resultados, a ajuda e o reconhecimento aparecem", diz Chiquinho, emocionado.

**Shows** — Na fábrica de sonhos da Mangureira, o Espaço Praça Onze entra como um complemento do Oficina de Carnaval. Ali, a garotada vai exercitar aquilo que aprendeu. Os meninos e meninas poderão partici-



### **Dona Ruth gostou tanto que declarou ser da Mangureira o mais ambicioso e bem sucedido programa dedicado à infância carente**

par dos 20 shows com artistas famosos — ainda não escolhidos — que acontecerão na quadra do Centro, a partir de março. Até setembro, serão dois shows por mês. Depois, serão repartidos mês a mês até completar os 20. Além de cantar, os artistas terão encontros com a garotada, para falar de sua experiência. "Tudo ainda será acertado de acordo com as possibilidades e agenda de cada cantor", ressalva Zé Maria. "Quem sabe, observados pelos artistas, um ou outro garoto não mostrará talento para ser aproveitado mais tarde?", anima-se

o diretor.

O entusiasmo de Zé Maria é contagiante. Arauto desse sonho, ele vem conseguindo apoio das mais diversas empresas para os dois programas. Uma delas é a Promon, especializada em projetos e em consultoria nas áreas de construção civil, telecomunicações e infra-estrutura, em geral. A receita é a mesma da Vila Olímpica, que há nove anos conquistou a simpatia da Xerox do Brasil, que ainda hoje patrocina o centro olímpico. "Mangureira é atualmente uma das maiores forças do atletismo brasileiro", Chiquinho se regozija. "Somos pentacampeões juvenis. E demos ao Brasil duas atletas olímpicas em 1996: Luciana Mendes, no atletismo, e Kátia Cilene, no futebol feminino, foram a Atlanta. Queira Deus que esse sucesso se reproduza com os programas para meninos de rua." Amém. ■

Marceu Vieira



Francisco de Carvalho, o Chiquinho, comandante da Vila Olímpica e subsecretário estadual de Cultura e Esporte: "queira Deus que esse sucesso se reproduza com os programas para meninos de rua"



# GERAÇÃO DE CRAQUES

Um antigo sonho do mestre Valdomiro Thomé Pimenta — mangueirense maior que ajudou a fundar e por 55 anos comandou a bateria da Estação Primeira de Mangueira — está virando realidade neste carnaval. São os Cuiqueiros do Amanhã, time de 12 meninos da Mangueira treinados pelo bamba do instrumento Osni dos Santos, o Chuchu, com a ajuda de outros três craques no assunto — Augusto Nascimento, Heitor Filho e João Lopes. Cuiqueiro é ritmista em extinção no samba. Entra ano, sai ano, a maioria das escolas desfila com os mesmos tocadores, quase todos contratados. Mestre Valdomiro vislumbrou o perigo da extinção. Morreu em 1993, aos 82 anos de idade, mas seu sonho, não. E há seis meses seu desejo foi realizado.

"O presidente teve a sensibilidade de perceber o problema e nos convocou", recorda Chuchu, há 15 anos diretor da bateria.

**Veterano** — Na seleção, o principal critério foi a vocação dos meninos. Na triagem, ficaram 12. Dois deles — Gersomar Lima de Oliveira, o Tumin, e Carlos Eduardo Machado, o Nego, ambos com 13 anos — são tão bons que Chuchu os chamou para a gravação do samba enredo da escola no CD oficial deste ano. "Demora um pouco para aprender, mas não é difícil", depõe Gersomar, que já toca como um veterano.

Vocação, no entanto, não é o úni-



Os meninos cuiqueiros, treinados por Chuchu (atrás, à esquerda): o critério de seleção é a vocação das crianças

co requisito. Inspirado no sucesso dos projetos sociais que dedica à sua garotada, a direção da escola exige que os meninos sejam de Mangueira e estejam matriculados num colégio. Gersomar, por exemplo, está na 4ª série da Escola Municipal Humberto Sousa e Melo, Carlos Eduardo também passou este ano para a 4ª série, mas na Escola Municipal Gonzaga da Gama Filho, em São Cristóvão.

Há ainda regras que os garotos são obrigados a cumprir. Como o interesse

da meninada do morro é grande, quem faz bagunça corre o risco de ser substituído por outro garoto. Anderson Santos da Silva, de 12 anos, aluno da 3ª série da Escola Gonzaga da Gama Filho, segura a animação quando ouve as broncas de Chuchu. Nem a condição de neto de Dona Neuma o protege. "Eu já estava querendo há um tempão. Meu maior orgulho é que vou sair junto com a bateria dos adultos", estufa o peito para contar.

E vai mesmo. Além de desfilar com a Mangueira do Amanhã, escola mirim do morro, o grupo vai sair à frente da bateria

principal no domingo de carnaval — e, queiram os deuses que protegem a verde e rosa, no Desfile das Campeãs. Prosas que só eles, estarão lá Tumin, Nego, Anderson, Renato, Diogo, Eduardo, Beto, Washington e companhia, todos com idades que vão dos 11 aos 14 anos. "Tem muito adulto que só serve para carregar a cuíca. Mas esses garotos se aperfeiçoaram", elogia Chuchu. ■

Marceu Vieira





**O MELHOR CAMINHO  
NEM SEMPRE É  
AQUELE QUE ESTÁ  
À SUA FRENTE.**

**POR ISSO A ERICSSON FAZ  
QUESTÃO DE CONHECER  
O SEU PROBLEMA  
PROFUNDAMENTE.**

**N**úcleo de Planejamento Celular. Mais do que um simples núcleo, é o exemplo da preocupação da Ericsson em oferecer soluções completas e não só equipamentos. Cada projeto desenvolvido pela Ericsson vai ao detalhe de desenhar mapas topográficos e urbanísticos atualizados e exclusivos, modificando parâmetros para assegurar total precisão nos projetos das radiobases que irão transmitir o sinal. Investindo em tecnologia, a Ericsson coloca à disposição do mercado os mais modernos equipamentos. Uma combinação que garante a liderança absoluta em telefonia celular: 40% dos equipamentos instalados até hoje em todo o mundo, com 50 milhões de usuários habilitados em 79 países. Um em cada cinco funcionários da Ericsson trabalha em pesquisa e desenvolvimento. Nessa mesma área, a Ericsson investe 20% de seu faturamento, a maior média de toda a indústria de telecomunicações. Tudo isso para oferecer não só o melhor equipamento, mas também soluções globais em telecomunicações que resolvam os seus problemas. Profundamente.





Dezessete dos 22 Baluartes da Mangueira. Da esq./dir.: (atrás) Preto Rico, José Ramos, Tuninho Caolha, Ed Miranda, Roberto Paulino e Delegado; (ao meio) Nelson Sargento, Zé Crioulinho, Jamelão, Chiquinho Modesto, Tio Jair, Seu Tinguinha; (sentadas) Dona Onorina, Mocinha, Dona Zica, Dona Neuma e Tia Miúda

 Baluartes

# OS DEUSES DO OLIMPO

Irany Tereza

Aniversário de Cecéia, como é conhecida Ulicéia, irmã de Neuma. Família toda reunida em torno da mesa com o bolo. E toca a esperar.

Lá pelas tantas, encerrado o "Parabéns pra você", alta hora da noite, chega Saturnino, o chefe da casa, e, com aquela cara de pedido de desculpas, pergunta pra filha aniversariante: "Tá zangada com o papai?". O olhar de choro contido e um sim acanhadamente acenado com a cabeça foi a resposta de Cecéia. "Fica não, filha, que papai agora é presidente!", disse o jovem Saturnino, radiante. "Da República, papai?", indagaram Cecéia e os irmãos, já atiçados pela curiosidade. "Não... melhor que isso: da Mangueira!".



**F**ra o ano de 1928 e Saturnino Gonçalves acabara de voltar de uma reunião com Marcelino, Angenor, Francisco, José Costa, Carlos e Gradim. Ou, para falar o português claro, com o Velho Mansur, Cartola, Chico Torrão, Zé Espinguela, Carlos Cachaca e Gradim. Naquela noite de 28 de abril estava fundada a Mangueira. A partir de então, a vida de todos os moradores à beira daquela estação de trem ficaria definitivamente atrelada à escola de samba mais envolvente e tradicional da História do Carnaval.

**Coisa natural** — “A Mangueira é uma mulher que nos domina”, sentenciava Dona Zica, que ao lado de Nelson Sargento, Dona Neuma, Delegado, Jamelão, Carlos Cachaca, Mocinha, Xangô e outros bambas, forma o que hoje se convencionou chamar de “Os Baluartes da Mangueira”. Mais do que velha-guarda, sinônimo de antiguidade numa escola, o termo adotado na verde e rosa pode ser traduzido por dedicação, união em torno de uma causa. Mesmo quando as divergências parecem sair dos limites, os mangueirenses continuam todos ali, juntos. Difícil de entender? Só pra quem é de fora. Na Mangueira, isso é a coisa mais natural.

O amor pela escola pode ser exemplificado num momento antológico, contado por Dona Zica, na varanda de sua casa. História que a emociona — e a todos os que viveram aquele carnaval — até hoje.

Era Terça-Feira Gorda, dia de desfile. Dona Zica preparava, como sempre, a sopa que forraria o estômago de uns 20, 30 mangueirenses que tinham por tradição fazer de sua casa com Cartola local de concentração. Dali todos saíam de bonde para a Praça Onze. Naquele dia, Nair Pequena reclamara de pressão alta, que atribuíra à emoção que insistia em fazer-lhe companhia antes de todo desfile. Pequena evoluía na avenida, sorrindo, saudando a arquibancada quando sentiu uma pontada



“Mema”, como até hoje Dona Neuma é chamada pelos filhos, netos e bisnetos, ajudou a fundar, em 1943, a ala que hoje é tradicional em todas as escolas: a Ala das Baianas

e foi amparada por Zica, que desfilava a seu lado.

Componentes da escola vieram acudir e a diretora — que já fora baiana — foi levada de ambulância ao hospital, onde não chegou a ser atendida: a notícia de sua morte chegou no meio do desfile. O samba parou. A escola continuou sua evolução até a Candelária, embalada pela batida solitária do surdo. Nair Pequena deve ter morrido feliz. Ela costumava repetir que seu amor pela Mangueira era tanto, que queria morrer na avenida, quando chegasse sua hora. Foi um dos baluartes da escola no sentido exato da palavra: esteio, sustentação. Anos depois, o termo passa a ser oficialmente adotado para homenagear os personagens que fizeram e fazem da Estação Primeira a escola de samba mais conhecida no mundo.

São nomes como o de Delegado, que tinha 8 anos quando a Mangueira nasceu. Obstinado, quis ser mestresala desde pequeno. Pedia a cada hora a uma das irmãs que empunhasse uma vassoura e ficava dando voltas em tor-

no, ensaiando os salamaleques. Por sua vontade, ainda hoje, aos 77 anos, continuaria a desempenhar o papel que iniciou aos 17 como primeiro mestresala da escola. Na verdade foi bem antes, aos dez, mas então como representante da escola mirim. Suas irmãs, Arlete e Ivete, ainda desfilam, na Ala das Baianas.

**Bacharel do samba** — Magro, muito alto (1,90 metro) e elegante, Delegado deixou público e jurados boquiabertos com seus trejeitos. Houve época em que casais de mestresalas e portas-bandeiras de escolas adversárias faziam desafios e ganhava quem conseguisse ficar com a bandeira da outra agremiação. “Roubei muita porta-bandeira”, lembra, sorrindo, em sua casa, na localidade do morro conhecida como Olaria. Lá, dezenas de diplomas e fotos antigas esparramam-se pela parede, pela estante, pela cômoda, em qualquer cantinho onde o passado encontra um espaço. “Bacharel do Samba — Turma de 1966”, diz um dos títulos.

“Em 36 anos, só tirei nota dez. Nin-



guém igualou isso", orgulha-se o hoje mestre dos pequenos candidatos a mestre-sala da Mangueira. A companhia preferida, Neide — "Ela entendia cada olhar meu" —, protagonizou por muitos anos uma rivalidade memorável com Vilma da Portela. Depois, o estandarte da Mangueira ganhou Mocinha.

Dona Moça hoje mora longe da quadra verde e rosa. Mudou-se para Vila Kennedy, no outro extremo da cidade, mas não perde um ensaio de quadra. Quem a vê, viçosa ainda, aos 71 anos, não entende porque aposentou o porta-estandarte que empunhou desde os 9 anos — com uma pausa de mais de uma década a partir de seu casamento, em 47. "Foi esse edema na perna", diz, num muxoxo, a detentora de três Estandartes de Ouro, prêmio que ela considera sua maior glória. Depois, esquece a conversa para brincar com o compositor Preto Rico. Os dois têm uma aposta de longa data: quando se encontram, se benzem, mas numa disputa para ver quem primeiro faz o sinal da cruz. Ganha a escola, sempre abençoada no gesto desprezencioso de dois de seus mais ilustres componentes.

**Celeiro de compositores** — Compositor na Mangueira nunca faltou. O morro é um celeiro deles. Parece que brotam aos borbotões. Lá se pode encontrar ainda um letrista primoroso que mal sabe escrever o próprio nome. Francisco Moisés, ou apenas Chiquinho, como é conhecido desde garoto — que completa 80 anos neste sábado de carnaval — fez sambas antológicos no tempo em que era comum as escolas terem samba de terreiro. Hoje, tem gente que nem sabe o que é isso, mas samba de terreiro se cantava na quadra, antes de os tamborins esquentarem o ritmo no samba-de-enredo. "Chorei, quando o dia clareou", começa a cantarolar Chiquinho, para desistir em seguida, reclamando da voz rouca. "Melhor é a Norma cantar, ela é que era o nosso gogó de ouro", provoca.

Tia Norma apenas sorri. "Já nem



Dona Zica, com o papagaio que canta o samba da escola: "A Mangueira é uma mulher que nos domina"

lembro mais das músicas que cantava", diz, recordando a época em que amanhecia com amigos nas biroskas no Buraco Quente. Aos 77 anos, um filho e sete netos, Tia Norma mudou-se recentemente para Madureira, mas fica brava com a brincadeira de que virou portelense. "Sou Mangueira até



Aos 96 anos, Carlos Cachaça, o Menestrel, é o único fundador da escola ainda vivo. Seu coração, apesar dos sucessivos motins que apronta, tem dois matizes. É verde. E rosa

morrer", bota pé firme. As "tias" são impressionantemente bonitas quando sorriem. Como Tia Miúda, que, já em seu primeiro ano de desfile, em 1943, saiu na comissão de frente. Depois foi baiana, mais tarde velha-guarda e depois, rebelada, de volta à Ala das Baianas. O motivo da revolta? "A roupa da velha guarda não tem graça, a fantasia de baiana é que sempre foi linda."

Dona Neuma, que divide com Zica o título de primeira dama da Mangueira, lembra como se fosse ontem o tempo em que saía para comprar tecido fiado na Casa Gebara, no Centro (loja que não existe mais) para a fantasia das baianas. "No começo não havia fantasias iguais, cada uma fazia a sua ao seu gosto. A ala, a gente só criou depois de 1943 e fomos a primeira escola a desfilar com baianas iguais", lembra Neuma, que na época trabalhava como lavadeira e dividia seu tempo entre uma das 12 tinas instaladas onde hoje fica o Viaduto Cartola, a criação dos 18 filhos (14 adotivos) e a alfabetização de outros tantos no morro.

A idéia das baianas, ela conta, já vinha de longe, bem antes da escola. Era originária dos blocos dos terreiros de umbanda e candomblé que se mul-



## INTEGRANTES DO ABRE-ALAS

São 22 os integrantes do carro abre-alas "Os Baluartes da Mangueira". Só não desfilarão no carro o intérprete Jamelão, que mais uma vez estará entoando o samba-enredo nos amplificadores, e Tia Ivete, que faz questão de desfilar na Ala das Baianas. A seguir, a relação dos baluartes (em ordem alfabética), com a função que cada um desempenhou ou ainda desempenha na escola. Só dispensamos o rótulo de "ex", porque para a Mangueira eles nunca vão perder o título que um dia conquistaram.

- |   |  |
|---|--|
| ● <b>Carlos Cachaça</b><br>(compositor e presidente de honra) | ● <b>Tia Alice</b><br>(componente de ala)                  |
| ● <b>Delegado</b><br>(mestre-sala)                            | ● <b>Tia Ivete</b><br>(baiana)                             |
| ● <b>Ed Miranda</b><br>(presidente)                           | ● <b>Tia Miúda</b><br>(baiana)                             |
| ● <b>Jamelão</b><br>(intérprete)                              | ● <b>Tia Mocinha</b><br>(porta-bandeira)                   |
| ● <b>José Ramos</b><br>(compositor)                           | ● <b>Tia Neuma</b><br>(diretora)                           |
| ● <b>Nelson Sargento</b><br>(compositor)                      | ● <b>Tia Zica</b><br>(diretora)                            |
| ● <b>Norina</b><br>(baiana)                                   | ● <b>Tio Jair</b><br>(diretor de patrimônio)               |
| ● <b>Preto Rico</b><br>(compositor)                           | ● <b>Tio China</b><br>(ritmista)                           |
| ● <b>Roberto Paulino</b><br>(presidente)                      | ● <b>Tuninho Caolha</b><br>(presidente da ala mais antiga) |
| ● <b>Seu Tinguinha</b><br>(mestre de bateria)                 | ● <b>Xangô</b><br>(diretor)                                |
| ● <b>Seu Zizinho</b><br>(ritmista)                            | ● <b>Zé Crioulinho</b><br>(ritmista)                       |

tiplicavam pelo morro, desde o Buraco Quente à Candelária. Terreiros como o de Tia Fé e Tia Tomázia, dois das dezenas de blocos dos quais se fez a Mangueira. "No carnaval, desciam os macumbeiros, com aquelas roupas de festa", lembra. Isso tudo na época em que no morro não existia nem missa, só ladainha, no melhor estilo de sincretismo com a cultura africana.

**Mutirão** — Quando em 43, Neuma e mais algumas "amigas de tanque" decidiram criar a ala que hoje é tradicional em todas as escolas, não havia dinheiro para pagar o tecido das saias rodadas nem a mão-de-obra para a confecção. O pano comprado fiado e a distribuição em 25 pontos do morro para a costura das 150 fantasias foi a solução. Um verdadeiro mutirão. Hoje, Neuci, uma das filhas de Neuma, integra, aos 27 anos, a Ala das Baianas,

onde inicialmente saíam apenas as senhoras da escola. Neuci roda a baiana na avenida desde os 13 anos e nem ela mesma sabe a razão de tanto chamego pela fantasia.

"Mema", como até hoje Dona Neuma é chamada pelos filhos, netos e bisnetos, amparou no colo o atual presidente, Elmo, quando ele nasceu. "Hoje a minha Mangueira está do jeito que eu gosto", diz ela, lembrando emocionada do jantar de confraternização que a diretoria promoveu dia 30 de dezembro para homenagear Os Baluartes. "Foi uma surpresa. Vi os velhos todos da minha época, foi bom pra c...", diz, moleca, com seu eterno dialeto de anjo desbocado.

A Mangueira é assim: tem personalidade forte. Como a de Jamelão, que mantém aos 86 anos o mesmo vozeirão que animava os bailes do Night &

Day, de Carlos Machado há mais de quatro décadas. Foi o único a recusar categoricamente o título incorporado aos cantores das escolas. "Sou intérprete de samba enredo. Puxador, pra mim, é quem rouba carro", costuma repetir, irritado, a todos os que ousam chamá-lo pelo nome que considera um xingamento.

**Guardião da quadra** — Já Tio Jair, com sua barba de São Pedro, mantém o mesmo jeito sereno com o qual sempre recebeu a todos na porta da Mangueira. Ele nunca deixará de ser o guardião da quadra, assim como Zé Crioulinho será sempre sinônimo de ritmista. Vendo-o hoje, aos 77 anos, franzino como sempre e ainda serelepe, é difícil acreditar como agüentava, até dois anos atrás, carregar o surdo de marcação pela avenida. "Quando comecei, o instrumento era maior do que eu", brinca, parecendo ainda menor ao lado de Ed Miranda, presidente da Mangueira entre 77 e 80. Grandalhão, Ed, nos tempos da Praça Onze, dividia seu tempo entre a escola, as gafieiras onde trabalhava como leão-de-chácara, e o apito de guarda de trânsito, de dia. "Inaugurei a Presidente Vargas", lembra, conservadíssimo para seus 80 anos.

O tempo passa tão rápido... Parece que foi no carnaval passado a criação da Ala dos Embaixadores, mas lá se vão umas seis décadas. Tuninho Caolha, criador e presidente da ala, passou o bastão para integrar a velha guarda e, agora, desfila entre os Baluartes. O símbolo maior da Mangueira também estará lá, com certeza, driblando as recomendações médicas que o mantém convalescente na cama, controlando os impertinentes problemas cardíacos. Aos 96 anos, Carlos Cachaça, o Menestrel, único fundador da escola ainda vivo, prova, a cada desfile, que seu coração, apesar dos sucessivos motins que apronta, tem dois matizes. É verde. E rosa. ■

Irany Tereza é repórter do Jornal O Estado de São Paulo



# AS GUERREIRAS DA ESTAÇÃO

Elane Maciel

**O**s elogios vêm de toda parte — diretores, visitantes ou membros da Liga Independente das Escolas de Samba (Liesa). O Departamento Feminino da Estação Primeira de Mangueira é composto por 28 mulheres que, se preciso for, dão o sangue pela verde e rosa. Apaixonadas pela Escola, as meninas, como são carinhosamente chamadas pela diretoria, fazem de tudo para que a quadra sempre esteja nos trinques: "Somos chamadas de As meninas do Departamento Feminino, mas aqui tem menina até de 60 anos", brinca a vice-presidente do Departamento, Guezinha, filha da lendária Dona Neuma.

Para explicar o trabalho que faz, Guezinha compara a Escola com a casa. "O homem é o dono da casa, mas é a mulher quem arruma, dá o toque feminino, e recebe as visitas. É assim que entendemos a nossa missão", diz.

Todos sabem que qualquer festividade na Estação Primeira, sempre tem o toque especial das meninas. Elas chegam cedo para inspecionar a faxina e arrumar a quadra. Exigentes, essas mangueirenses querem tudo muito limpo, mas se o trabalho não está dentro dos padrões, o Departamento pega no pesado. Vassouras em punho, elas deixam banheiros e quadra brilhando. As mesas são sempre arrumadas de acordo com o evento. "Nos ensaios usamos toalhas e copos descartáveis, mas se for o lançamento do samba, colocamos as toalhas de renda, doadas pela sambista Alcione", detalha.



**As meninas do Departamento Feminino e os elogios do presidente: "se for preciso brigar pela escola, elas brigam; se for preciso dar o sangue, elas dão"**

Quadra arrumada, a hora é de se aprontar para esperar os visitantes — todos os sábados, a Mangueira sempre reserva dez mesas para integrantes de escolas do grupo A, convidados a conhecer de perto a verde e rosa. As meninas combinam e se vestem iguais, tudo de acordo com a festividade: tanto pode ser o conjunto verde ou o branco de linho para as ocasiões especiais, ou ainda saia branca ou preta com camiseta. Em todos os uniformes, o destaque é o emblema do Departamento Feminino no peito.

**Prestígio** — À porta da quadra, elas se encarregam de recepcionar os convidados e conduzi-los às suas me-

sas. Daí em diante, a atenção é redobrada para que nada falte aos visitantes. O presidente da Mangueira, Elmo José dos Santos, não economiza elogios: "Elas são as minhas guerreiras de Deus. Se for preciso pegar na enxada, elas pegam; se for preciso pegar na vassoura, pegam; se for preciso brigar pela Escola, brigam; e se for preciso dar o sangue pela Escola, elas dão", declara, com orgulho.

Não sem razão. O prestígio desta ala de relações públicas já ultrapassou as fronteiras da Mangueira, chegando aos presidentes de escolas co-irmãs e da Liesa. Promessa de cam-

panha, o Departamento — com assento na diretoria — foi criado tão logo Elmo dos Santos assumiu o mandato, em 1995. E foi o próprio presidente da Mangueira quem nomeou Nenete para a presidência do grupo (ela está temporariamente afastada, por motivo de doença) e Guezinha para a vice-presidência. As duas arregimentaram outras mangueirenses, que não necessariamente moram na comunidade, para ajudar na consolidação do projeto.

Neste Carnaval, a grande novidade é que elas vão desfilar na Sapucaí, como diretoras da Escola, e com funções muito bem definidas para organizar o desfile na Avenida. A missão é ajudar a Estação Primeira de Mangueira a levar mais um título para casa. ■

Elane Maciel é jornalista da *Letra Viva*



# Carnaval



## ROTEIRO DO DESFILE

**"O OLIMPO É VERDE E ROSA"**

Realização: Comissão de Carnaval e Oswaldo Jardim

# 1997



## Enredo

# "O Olimpo é verde e rosa"

**Autores:** Chiquinho Campo Grande,  
Lequeone e Jorge Magalhães

**Intérprete:** Jamelão

A luz

Se fez nascer de um novo dia

E a Mangueira em poesia

Fez luzir um clarão

Criou a juventude campeã

De corpo são e mente sã

É o Brasil de amanhã

Na Grécia antiga

Onde Zeus fez a morada

A hostilidade acontecia

Olimpia se tornou sagrada

Numa sábia decisão

Criaram os jogos da paz

Falou a voz da razão

Guerra nunca mais

Nero, o cruel sonhador

Entrou na competição

Disputou só, se fez campeão

Um grande imperador

Não deixou continuar

E fez a chama

Do Olimpo se acabar

Graças ao Barão de Coubertin

As Olimpíadas voltaram

É o amor e a liberdade

Exaltando o valor e a igualdade

Assim como o barão

Mangueira, o santuário da esperança

O Olimpo é verde e rosa

É o esporte na cultura da criança

De braços abertos sou o Rio de Janeiro

Dois mil e quatro

É o sonho brasileiro

BIS

BIS

# ROTEIRO DO DESFILE

## "O Olimpo é Verde e Rosa"

**Presidente:** Elmo José dos Santos

**Comissão de Frente:** Atletas do Futuro  
(Responsáveis: Debora Colker e assistentes)

(Apoio: Avelino)

(Elcinho, Jair Braga, Márcio e Clodoaldo)

**Cronometragem:** José Maria Monteiro e Héctor

## 1ª Alegoria — Abre-Alas "O Olimpo é Verde e Rosa"

**Destaque:** Janaína (fantasia "Chamas do Olimpo")  
(responsáveis: Telmo, Júlio e Genuíno)

Baluartes da Mangueira: Presidente de Honra da Mangueira, Carlos Moreira (Carlos Cachaça), Dona Neuma, Dona Zica, Mocinha, Roberto Paulino, Delegado, Tio Jair, Tinguinha, Zé Ramos, Zizinho, Nelson Sargento, Zé Crioulinho, Tia Miúda, Ed Miranda, Tuninho, Francisco Modesto, China do Surdo e Preto Rico.

Alcione (Marrom) e Célia Regina

### 1º Quadro "Grécia Antiga"

- 1 - Ala da Comunidade (Candelária, Chalé, Telégrafos e Buraco Quente) — "Infantaria de Delphos"
- 2 - Alas: Moana e Renovação — "Soldado Corinto"
- 3 - Alas: Sambrasa e Au-Au-Au — "Homem de Argo"
- 4 - Alas: Depois eu Digo, Mimosa e Reencontro — "Guardiões de Olímpia"

### 2ª Alegoria "As Guerras"

(Responsáveis: Lomelino e auxiliares)

#### Destaques

Deuses da Guerra:

Marcelo (Destaque Central)

Nabil (Lateral Esquerda)

Ricardo (Lateral Direita)

#### Composições

### 2º Quadro

- 5 - Alas: Independentes da Bolivar e Copacabana — "A saúde de Dionísio"
- 6 - Alas: Gatinhas e Gatões e Maracanã — "Frutas sagradas"
- 7 - Alas: Acauã, Vem Comigo e Embalo — "Os Deuses querem ouro"
- 8 - Alas: Seresteiros e Opção — "Os Perfumes de Afrodite"



### 3ª Alegoria

#### "As Oferendas"

(Responsáveis: João Richa e auxiliares)

#### Destaques

Sacerdotisa — Tânia (Destaque Central)

Frutos e Especiarias — Beni (Lateral Direita)

Ouro para os Deuses — Deolinda (Lateral Esquerda)

#### Composições

##### 3º Quadro

- 9 - Alas: Brasinhas e Brasões e Cheguei — "Sacerdotes e Sacerdotisas"
- 10 - Alas: Impossíveis, Arco-Íris e Mil e Uma Noites — "Servos do Olimpo"
- 10A - Baianas Tradicionais — "Chamas Sagradas"
- 11 - Alas: Comigo Ninguém Pode e Fidalgos — "A constelação dos deuses"

### 4ª Alegoria

#### "O Olimpo"

(Responsáveis: Moacir e auxiliares)

#### Destaques

Constelação dos Deuses — Celeste (Destaque Central)

Guardiões dos Deuses — Edson (Lateral Esquerda)

Marcio (Lateral Direita)

#### Composições

##### 4º Quadro

- 12 - Ala: Grupo Encantado — "A maratona"
- 13 - Alas: Alto Astral e Realidade — "O Duelo das Bigas"
- 14 - Alas: Baianas Granfinas, Embaixadores e Arma Comigo que Você Sai — "Livre lutador"
- 15 - Alas: Eles e Elas e Nós Somos Assim — "O juiz"

### 5ª Alegoria

#### "Jogos Antigos"

(Responsáveis: Antero e auxiliares)

#### Destaques

O Juiz - Carlos Victor (Destaque Central)

Juízes - Sirene (Lateral Esquerda)

José Ramos (Lateral Direita)

#### Composições

##### 5º Quadro

- 16 - Ala da Comunidade (Candelária, Buraco Quente, Chalé e Telégrafos) — "Mulheres de Olímpia"
- 17 - Alas: Acoucir e Deixa Isso Prá Lá — "Comitê à Idade Antiga"
- 18 - Alas: Arte e Manha e Tropicana — "Eu também vou virar estátua"
- 19 - Alas: Caprichosas, Aliados e Brásas — "Dê a Nero o que é de Nero"

### 6ª Alegoria

#### "Ave, Nero"

(Responsáveis: Jorge Luiz e auxiliares)

A Nero o que é de Nero / Louros do Imperador

#### Destaques

Sandoval (Destaque Central)

Vagner (Lateral Esquerda)

Edilson (Lateral Direita)

#### Composições

##### 6º Quadro

- 20 - Alas: Hippies e Reis — "Spirit Louis"
- 21 - Ala: Passarela do Samba — "Galopando para o ouro"
- 22 - Alas: Vendaval e Carcará — "Em guarda cavalheiros"
- 22A - Velha Guarda — "Lição de Sabedoria"

Estandartes anunciam modalidades esportivas

**"A abertura dos jogos da Era Moderna"**

Bandeiras dos países e das Cidades Candidatas às Olimpíadas de 2004  
(O Espírito Olímpico)

- 23 - Amigos da Mangueira — Chefes de Delegações;
- 23A - Cronistas esportivos
- 23B - Grupo - Prof. Geiza (CIEP) — "Ginástica Rítmica"
- 24 - Ala das Crianças (meninas) — "Vai uma partidinha?" (tenistas)
- 25 - Ala da Comunidade — "Vôlei"
- 26 - Ala das Crianças (meninos) — "Vou te dar um ippon" (judô)
- 27 - Grupo de natação do CIEP Nação Mangueirense — "Natação"

### 7ª Alegoria

#### "Jogos da Era Moderna"

(Responsáveis: Ellis Pinheiro e auxiliares)

#### Atletas Convidados

Ouro - Rita Clemente (Destaque Central)

Prata - Luiz Carlos (Lateral Esquerda)

Bronze - Ricardo (Lateral Direita)

#### Composições

##### 7º Quadro

- 28 - Ala do Esporte: Esportes e representação da torcida — "Galera"
- 28A - Futebol paixão nacional (jogadores)
- 29 - Ala da Comunidade — "Basquete"
- 30 - Ala Os Amigos da Mangueira — "Atletismo"
- 31A - Ala da Comunidade — "Rio 2004, o sonho brasileiro"



## 8ª Alegoria

### "Rio 2004, o sonho brasileiro"

(Responsáveis: Chico da Bolsa e auxiliares)

#### Destaques

Símbolo das Raças - D'Stefano (Destaque Central)

Jogos Modernos - Eduardo (Lateral Esquerda)

Rio 2004 - Santinho (Lateral Direita)

50 crianças - "Os Atletas do Futuro"

#### Composições

#### 8º Quadro

**31B** - Ala da Comunidade — "Rio 2004, o sonho brasileiro"

## "Pára-olimpíadas"

Nas Pára-Olimpíadas de Atlanta (Jogos para atletas deficientes) o Brasil teve significativa participação: 23 medalhas. Vários destes atletas estarão com a Mangueira neste desfile.

### "Vila Olímpica da Mangueira"

Com o quadro "Os Jogos da Era Moderna", a escola está homenageando a Vila Olímpica da Mangueira, que foi a grande inspiradora do nosso enredo, ao mesmo tempo em que faz suas homenagens aos atletas de todas as modalidades esportivas brasileiras — e à crônica esportiva no rádio, jornal, revista e televisão no Brasil.

## DETALHES DO DESFILE

### Bateria

#### "A Nobreza do Barão"

320 ritmistas, 20 coordenadores e diretor de bateria

(Alcir Explosão, Ailton, Zé Campos, Russo e Birinha)

Compositores — Harmonia — Diretoria

Conselho Deliberativo e Fiscal

### Artistas

Jamelão, Alcione, Lécya Brandão, Beth Carvalho, Rosemary, Terezinha Sodré, Angélica, Júlia Lemmertz, Alexandre Borges, Inês Galvão, Rosa Castro, Lucimara, Gigi, Serginho do Pandeiro, Índio e Gargalhada

Atletas convidados

Passistas: 20 casais

### Alas de Apoio:

Periquitos, Bohêmios e Só para quem pode

1º Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira:

**Marquinhos e Giovana**

\* Apresentação: Dr. Alcione Barreto e Célio da Caixa

2º Casal de Mestre-sala e Porta-bandeira:

**Birinha e Elaine**

### Carro de Som

(Responsável: Alvaro Caetano (Alvinho))

### Concentração

Serginho, Irineu, Edson Marcos e José Luis

### Dispersão

Nilton, Vilmário e Dudu

### Ala da Força

Vilmário

### GUARDIÕES DO 1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Formado por 14 casais

Obs.: Os dois casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira e os passistas serão inseridos no desfile de acordo com o andamento da Agremiação

Conselho de Carnaval - Coordenação

**Percival Pires (Perci) e  
Eli Gonçalves da Silva (Chininha)**



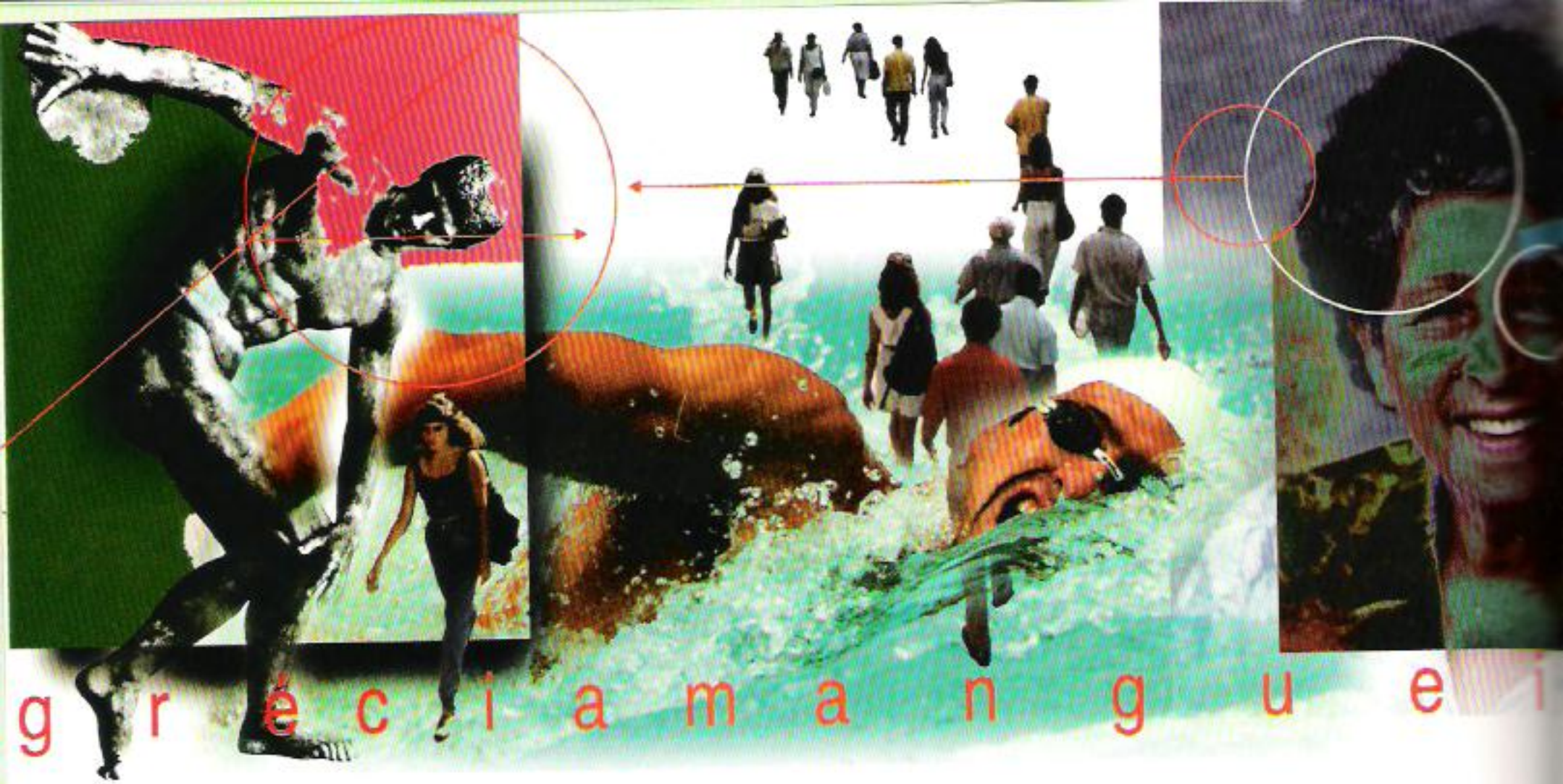
Em 1996, os Fundos administrados  
pelo FATOR obtiveram os melhores  
desempenhos.

RENTA VARIÁVEL	
Fundos	( % )
FATOR Carteira Livre	95,80
FATOR Axis	101,19
FATOR Ações	44,59
FATOR Baneb Ações	102,94
FATOR Baneb Carteira Livre	102,48
BOVESPA	63,76
RENTA FIXA	
Fundos	( % )
FATOR Max - 60 dias	27,04
CDI	26,90
POUPANÇA	16,34

Não se engane.  
Compare com os concorrentes e invista nos  
Fundos de Investimentos **FATOR**







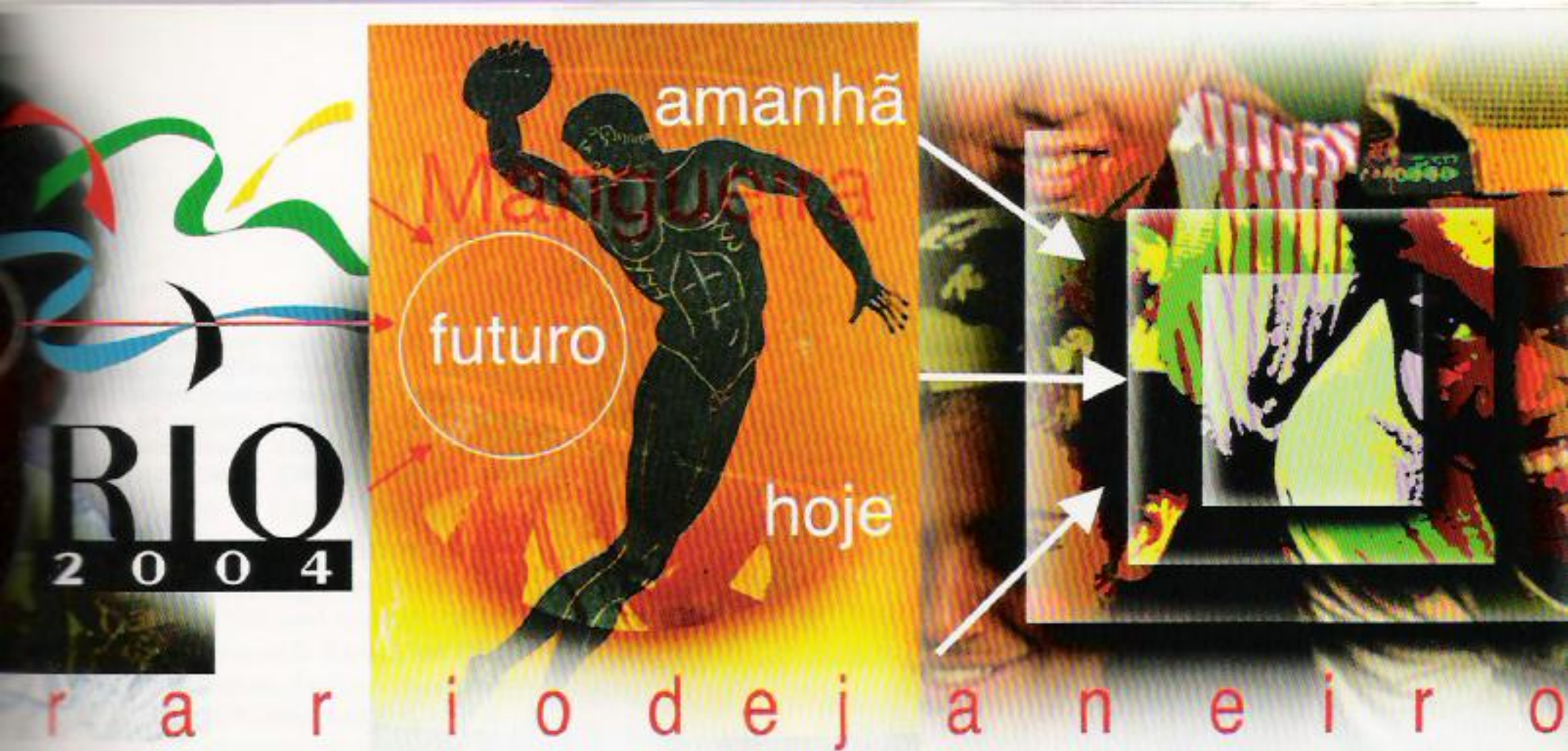
 Enredo

# O OLIMPO É VERDE E ROSA

*Alexandre Medeiros*

*O abre-alas da escola é a porta de entrada  
para um espetáculo que vai lembrar os Jogos Olímpicos da  
Grécia Antiga aos nossos dias*





Quem deu a dica foi Dona Neuma, filha de Saturnino Gonçalves e mãe da Chininha, com o esplendor de seus 74 anos de vida e de samba. "Aqui na Mangueira vai ser fácil chegar a 2004. Os velhos todos têm mais de 70", brincou, dando uma sonora gargalhada. Talvez esteja aí, na sabedoria simples de Dona Neuma, a melhor explicação para o enredo que a Mangueira vai levar este ano ao palco da Marquês de Sapucaí. Quem melhor do que os bambas da verde e rosa para defender o Rio como sede dos Jogos Olímpicos de 2004? Que lugar mais parecido com o Olimpo do que o morro que é templo do samba carioca?

"Os mais antigos estão muito felizes. É um enredo que ao mesmo tempo ajuda o Rio e presta homenagem a quem muito fez por nossa escola. É uma chance de lembrar quem já partiu, como meu pai Saturnino e o Cartola, e também resgatar muita gente boa que está viva e que anda esquecida por aqui", explicou Dona Neuma, uma das "baluartes" da escola. Ela virá no abre-alas do enredo "O Olimpo é verde e rosa", do carnavalesco Oswaldo Jardim, ao lado de amigos e convidados especiais. A idéia é que a soma das idades dos desta-



**"Vamos ter 250 crianças espalhadas pelo desfile, como se estivessem correndo pelas vielas do morro. Isso enche a gente de orgulho. São crianças que hoje têm acesso a cursos, esportes e saúde"**

Elmo dos Santos

ques do abre-alas chegue a 2.004 anos. Pelo visto, não vai ser difícil. É só juntar os 74 de Dona Neuma aos 77 de Delegado, somar com os 83 de Dona Zica, mais os 74 de Xangô, outros 74 do Nelson Sargento, os 96 de Carlos Cachça...

**Tema enraizado** — O abre-alas com os "deuses" da verde e rosa é a porta de entrada para um espetáculo que vai lembrar os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga aos nossos dias. "De uma idéia óbvia, fizemos um enredo de qualidade", defendeu o carnavalesco Oswaldo Jardim, rechaçando as críticas de que o tema é oportunista. "O Olimpo tinha seus deuses, como a Mangueira tem os seus. E as competições que se realizavam ao pé do Monte Olimpo são hoje realizadas na Vila Olímpica da Mangueira. O tema

está enraizado na comunidade e vamos falar dele no momento em que todos estão mobilizados para trazer os Jogos de 2004 para o Rio", explicou o carnavalesco.

O desenvolvimento do enredo na avenida dá bem a dimensão dessa sintonia entre Jogos Olímpicos e Mangueira. Logo depois do abre-alas, a escola vai mostrar o carro das Batalhas Gregas, confeccionado em tons foscos para dar a idéia de imagens que se perderam no tempo. Algumas peças da alegoria simularão estátuas de mármore verdes e rosas. O terceiro carro terá ingredientes bem brasileiros. É o carro das Oferendas. "Temos que pedir permissão aos deuses para contar a história dos Jogos Olímpicos. Vamos levar flores, frutas e liras como oferendas", contou Oswaldo Jardim. Esse carro terá destaques que simbolizam sacerdotisas, em fantasias pagãs. O material básico para a confecção das peças em todos os carros é a espuma.

A quarta alegoria é celestial. O carro do Olimpo terá esculturas gigantes, pedestais que sustentam deuses e muito gelo seco para passar ao público a idéia de que os destaques caminham sobre nuvens. A quinta é cinematográfica: os jogos da Grécia Antiga são simbolizados em uma imensa biga. "Tenho um carinho es-





Oswaldo Jardim: "O Olimpo tinha seus deuses, como a Magueira tem os seus. E as competições que se realizavam ao pé do Monte Olimpo são hoje realizadas na Vila Olímpica da Mangureira. O tema está enraizado na comunidade"

arriscava a vencer o chefe supremo. Assim, ficaram famosas as competições em que ele disputava contra ele mesmo e, no final, recebia o prêmio de suas próprias mãos. A alegoria é um boneco de nove metros de Nero deitado em um divã, os olhos cansados, de olheiras, usando apenas uma túnica para cobrir as partes íntimas. "É uma ironia. Mostramos um Nero cansado de competir contra ele mesmo", brincou o carnavalesco.

Os Jogos Olímpicos da Era Moderna ganham destaque no carro do Barão de Coubertin. Oswaldo Jardim ainda guarda segredos sobre a alegoria. "Ela pode ser interativa", despiçou. A idéia é que os atletas convidados para sair nesse carro joguem bolas para a platéia. Já confirmaram presença algumas estrelas que conquistaram medalhas na Olimpíada de Atlanta em 96, como os nadadores Gustavo Borges e Fernando Scherer e as duplas femininas de vôlei de praia — Jaqueline e Sandra (ouro) e Adriana e Mônica (prata). O imenso boneco do Barão de Coubertin, criador dos Jogos Modernos, terá uma cartola com a inscrição "Rio 2004" e virá abraçado a uma bola de basquete.

O carnavalesco buscou apoio em farta bibliografia para desenvolver um enredo que pudesse passar ao público a filosofia básica dos Jogos Olímpicos: a paz e a harmonia. Assim, as alas vão tentar transmitir lições históricas. Uma delas, por exemplo, dá conta de que as Olimpíadas só começavam com o fim das hostilidades entre os participantes — ou seja, os jogos eram uma celebração da paz. Outra lembra que as Olimpíadas eram



**O último carro será uma síntese de despedida e esperança. A apresentadora de TV Angélica vai comandar uma turma de 60 crianças da comunidade**

pecial por essa alegoria. Lembro do filme Ben-Hur, onde essas bigas apareciam majestosas. Vi no cinema, aos quatro anos, com minha avó. Nunca esqueci, marcou muito a minha infância", viajou no tempo Oswaldo Jardim.

**Mania de competir** — Logo depois vem o carro mais satírico do desfile — o Ave, Nero. Incentivador dos jogos em sua época, o imperador tinha mania de competir, mas ninguém se





**O carro do Olimpo terá esculturas gigantes, pedestais que sustentam deuses e muito gelo seco para passar ao público a idéia de que os destaques caminham sobre nuvens**

momentos de homenagem aos deuses onde não se buscava apenas a perfeição do corpo, mas também da mente e do espírito: algumas alas vão simbolizar os encontros de artistas durante os jogos, com destaque para os pintores, os escultores, os poetas e os músicos.

**Auto-estima** — O último carro será uma síntese de despedida e esperança. A apresentadora de TV Angélica vai comandar uma turma de 60

crianças da comunidade, todas com camisas e bandeiras com motivos da campanha Rio 2004. "Esse carro simboliza o espírito da Mangueira que redescobriu a importância de preparar o futuro de suas crianças. É isso que a comunidade está fazendo na Vila Olímpica, um espaço onde as crianças aprendem a ter auto-estima", destacou Oswaldo Jardim.

Alexandre Medeiros é repórter especial do *Jornal do Brasil*

## RESGATE DA HISTÓRIA

A redescoberta das crianças da Mangueira é um assunto que fascina o presidente da escola, Elmo José dos Santos. É através delas que ele gosta de falar sobre o enredo "O Olimpo é verde e rosa". "Vamos ter 250 crianças espalhadas pelo desfile, como se estivessem correndo pelas vielas do morro. Isso enche a gente de orgulho. São crianças que hoje têm acesso a cursos profissionalizantes, têm atendimento médico e praticam esportes. Sei dar valor a isso porque nasci no Buraco Quente e desci o morro muitas vezes algemado pela polícia. Não tive as chances que essas crianças estão tendo. Elas podem olhar para o futuro", afirmou o presidente, devoto fiel de São Cosme e Damião.

Elmo sabe que vai ser dominado pela emoção do início ao fim do desfile da verde e rosa. Afinal, a Mangueira terá no abre-alas seus ícones de um passado de glórias e, no último carro, as crianças que estão construindo o amanhã. Mas ele está preparado. "Lembro que quando ainda era candidato a presidente da escola, o Nelson Sargento me puxou para um canto e disse assim: 'A Mangueira é uma árvore frondosa. Você vai ser presidente, mas será apenas um ga-

lho. Lembra que a árvore tem raiz". Eu nunca esqueci isso. Não existe presente nem futuro se a gente não respeitar o passado".

Apaixonado pelo trabalho com as crianças, Elmo faz questão de destacar o grupo de 12 cuiqueiros mirins — entre dez e 14 anos — que vai desfilar entre a rainha da bateria e os 350 ritmistas da escola, depois de um longo aprendizado pelos segredos de um instrumento que alguns tolos chegaram a considerar em extinção. Se depender de Elmo, nada que se relacione com o samba será passível de extinção. "Colocar os meninos tocando cuíca na Sapucaí é um sonho antigo que eu vou realizar", confessou.

A paixão levou Elmo a reparar injustiças. Aglutinador dos esquecidos da Mangueira, o presidente resgatou a história da escola através de homenagens simples. Foi ele quem conduziu o genial Carlos Cachaça ao posto de presidente de honra da verde e rosa. Lá do alto, Cartola deve ter achado muito justo. "Hoje, eu posso dizer com o coração, a gente é uma família", garantiu Elmo.

**Motor da escola** — Família onde o incansável Percival Pires, o Perci, tem lugar de destaque. Di-

zem alguns, com toda a razão, que ele é o motor da escola. Responsável pela Comissão de Carnaval, Perci cuida desde o fornecimento de material para o barracão e o atelier até a água gelada para amenizar o sofrimento dos artesãos na reta final. Família onde brilha o entusiasmo de Mocinha, até hoje uma elegante porta-bandeira, ela que nem se preocupa com que roupa vai desfilar no abre-alas dos "baluartes": "Se tiver uma sainha, eu não importo, vou assim mesmo", anunciou. Família onde reluz a humildade de Xangô: "Fico muito feliz em sair ao lado de tantos amigos. Acho que eu nem merecia..."

Claro que merece, isso ninguém discute. Mas o que há de divino nesses deuses é a simplicidade. Basta reproduzir aqui um diálogo entre o repórter e Dona Neuma, dias antes de ser definida a fantasia com que desfilaria no abre-alas da escola:

— E aí, Dona Neuma, já escolheu a fantasia?

— Não, meu filho, eu não escolho nada. Eles é que escolhem pra mim.

— A senhora está no carro do Olimpo, então deve sair de deusa...

— De deusa? Quem sou eu, meu filho, quem sou eu...



# CARTÃO VARIG UNIB COMPRE VOANDO. VOE

© REGISTRADA

VOCÊ GANHA MAIS RÁPIDO PORQUE  
A VARIG VOA PARA MAIS LUGARES.



# ANCO VISA. COMPRANDO.



No cartão Varig Unibanco Visa® Gold\*, cada dólar gasto (ou o equivalente em reais) vale 1,2 milha – 20% a mais que em outros cartões.

E você ainda ganha 5.000 milhas no pagamento da primeira anuidade e 3.000\*\* milhas na renovação (mais 1.500\*\* por cartão adicional).

Na versão International, cada US\$ 1 equivale a 1 milha e você ganha 3.000 milhas no pagamento da primeira anuidade.

SUAS COMPRAS VALEM 20% MAIS MILHAS.

Só o cartão Varig Unibanco Visa\*\* transforma suas compras em viagens nacionais e internacionais. Assim, com apenas 20.000 milhas você já pode voar grátis do Rio a Salvador, ou de São Paulo a Porto Alegre – ida e volta, claro.



VARIG UNIBANCO VISA® GOLD



VARIG UNIBANCO VISA® INTERNATIONAL

LIGUE JÁ, VOE JÁ JÁ: **0800 14 8484.**



## Vicente Dattoli

**H**á 31 anos, quando assumiu a vice-presidência de Esportes na gestão do ex-presidente Juvenal Lopes, Agrinaldo de Sant'Anna jamais poderia imaginar que aquela semente verde e rosa fosse frutificar com a força que exhibe hoje — servindo de exemplo até para o Governo Federal, que começa a espalhar vilas olímpicas pelas comunidades carentes de todo o país. “Nossa idéia inicial era participar da olimpíada entre clubes e escolas que o Jornal dos Sports realizava. Nós competíamos contra Vasco, Flamengo e, não posso negar, não tínhamos a menor chance de ganhar”, recorda, com saudade, Agrinaldo — ou *Aguinaldo*, como todos o conhecem na Vila Olímpica da Mangueira.

Se os resultados obtidos em 1966 não foram nada animadores — a Mangueira não ganhou sequer uma medalha —, as coisas começaram a mudar já no ano seguinte. A equipe verde e rosa conseguiu boas colocações no atletismo e no ciclismo. Como era um tempo de vitórias no samba, parecia que a Mangueira também iniciava um tempo de glórias no esporte. Apenas parecia. “Nós realmente tínhamos um ideal olímpico, mas não tínhamos a menor condição financeira ou experiência para sustentá-lo. Nem patrocinador a gente arrumava”, relembra. Para se ter uma idéia das dificuldades, a equipe só contava com dois jogos de camisa para praticar cinco esportes. Uma evolução, se for levado em conta que na estréia, em 66, sequer havia uniforme.

**Bons frutos** — Mas depois de travar conhecimento com Francisco de Carvalho (o Chiquinho, atual subsecretário Estadual de Esportes e Cultura) e Tia Alice, Agrinaldo verificou que, apesar de todas as dificuldades, o projeto esportivo mangueirense poderia render bons frutos. A semente



Agrinaldo e os garotos da Vila Olímpica: “as outras escolas de samba poderiam fazer o mesmo. Investir no esporte para tirar a meninada do mau caminho”

# JUVENTUDE CAMPEÃ

ficou plantada, escondidinha, até que o ex-presidente Carlos Dória decidiu implantar a Vila Olímpica no terreno que recebeu. “Ele tinha sido um ex-atleta nosso nos tempos das vacas magras e carregava um carinho todo especial pelo projeto esportivo”, afirma Agrinaldo, hoje com 57 anos, que divide suas horas de folga entre a família e a formação de jogadores de futebol de salão e de campo.

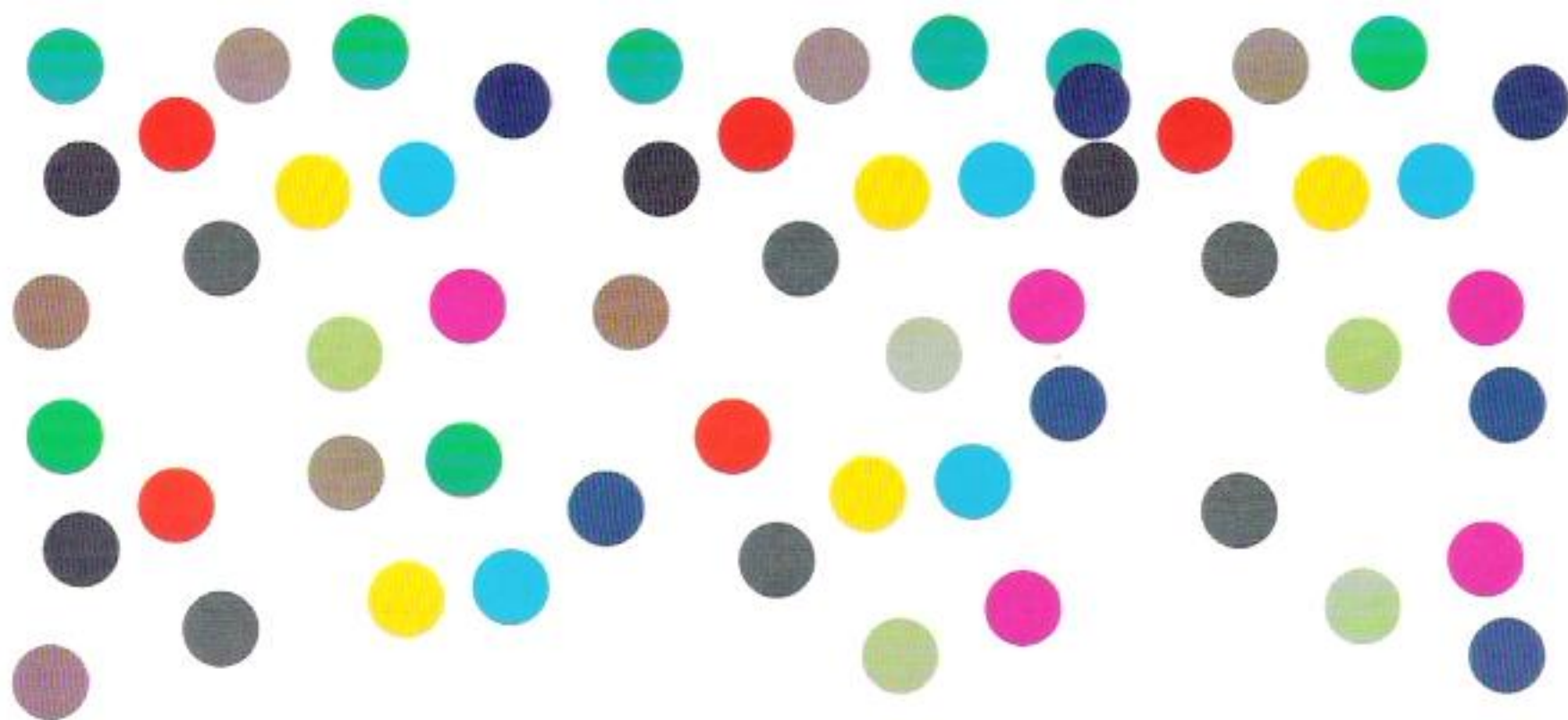
Esse trabalho de formação de atletas é seu maior orgulho. Além da conquista do pentacampeonato brasileiro no atletismo, é de conhecimento público que a comunidade mangueirense ostenta, há anos, o menor índice de menores infratores. “As outras escolas de samba poderi-

am fazer o mesmo. Investir no esporte para tirar a meninada do mau caminho”, sugere.

Mas entre tantas declarações apaixonadas, Agrinaldo deixa escapar um temor: “Vejo a Vila Olímpica como um sonho realizado, mas tenho medo que com uma mudança de diretoria não recebamos mais o apoio que temos tido até hoje. Receio também que o Chiquinho saia do projeto. Ele tem muito amor por tudo o que fazemos aqui”, confidencia. Certamente, Aguinaldo também alimenta um amor muito grande pela semente plantada em 1966. ■

Vicente Dattoli é repórter do *Jornal do Brasil*





A COMPANHIA AÉREA  
QUE MAIS CRESCE  
NO MERCADO INTERNACIONAL



THE FASTEST GROWING AIRLINE  
IN THE INTERNATIONAL MARKET



**VASP**

**BRAZILIAN AIRLINES**

**TOLL FREE 0800-998277**



# SEMENTE VERDE E ROSA

Martha Esteves

Qualquer criança que viva nos arredores do Morro da Mangueira traz na cabeça um sonho: dar seus primeiros passos na Escola de Samba Mirim Mangueira do Amanhã, imaginando o dia em que poderá desfilar na Estação Primeira. Como um jogador de futebol que dá seus primeiros dribles nas divisões de base de um grande clube, os meninos e meninas da Mangueira começam assim sua carreira no mundo do samba.

Esse ano, o sonho e a emoção de desfilar no Sambódromo vestindo as cores da verde e rosa serão divididos entre dois mil sambistas mirins, crianças entre seis e 16 anos, moradoras do Morro e das comunidades vizinhas, todas elas carentes. O enredo é outro alento: homenageia um menino pobre do interior de Minas que ganhou o mundo — o Ministro dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, com o enredo "De menino a Rei Pelé".

A comissão de frente terá 14 meninos, atletas da Mangueira, que vestirão um terno cor de rosa simbolizando o Ministro, que foi convidado a desfilar. A rainha da bateria será Jane



A menor porta-bandeira da Mangueira do Amanhã, Tamires, de 3 anos, bisneta de Dona Neuma — desfilar ao lado de Delegado foi uma exigência



D'Arc, 12 anos. Roberto Jefferson, componente do grupo Funk'n Lata puxa o samba pela segunda vez consecutiva. "Mas será meu último carnaval", pretende ele, que é protegido da cantora Alcione. "Quero me dedicar só ao Funk", explica.

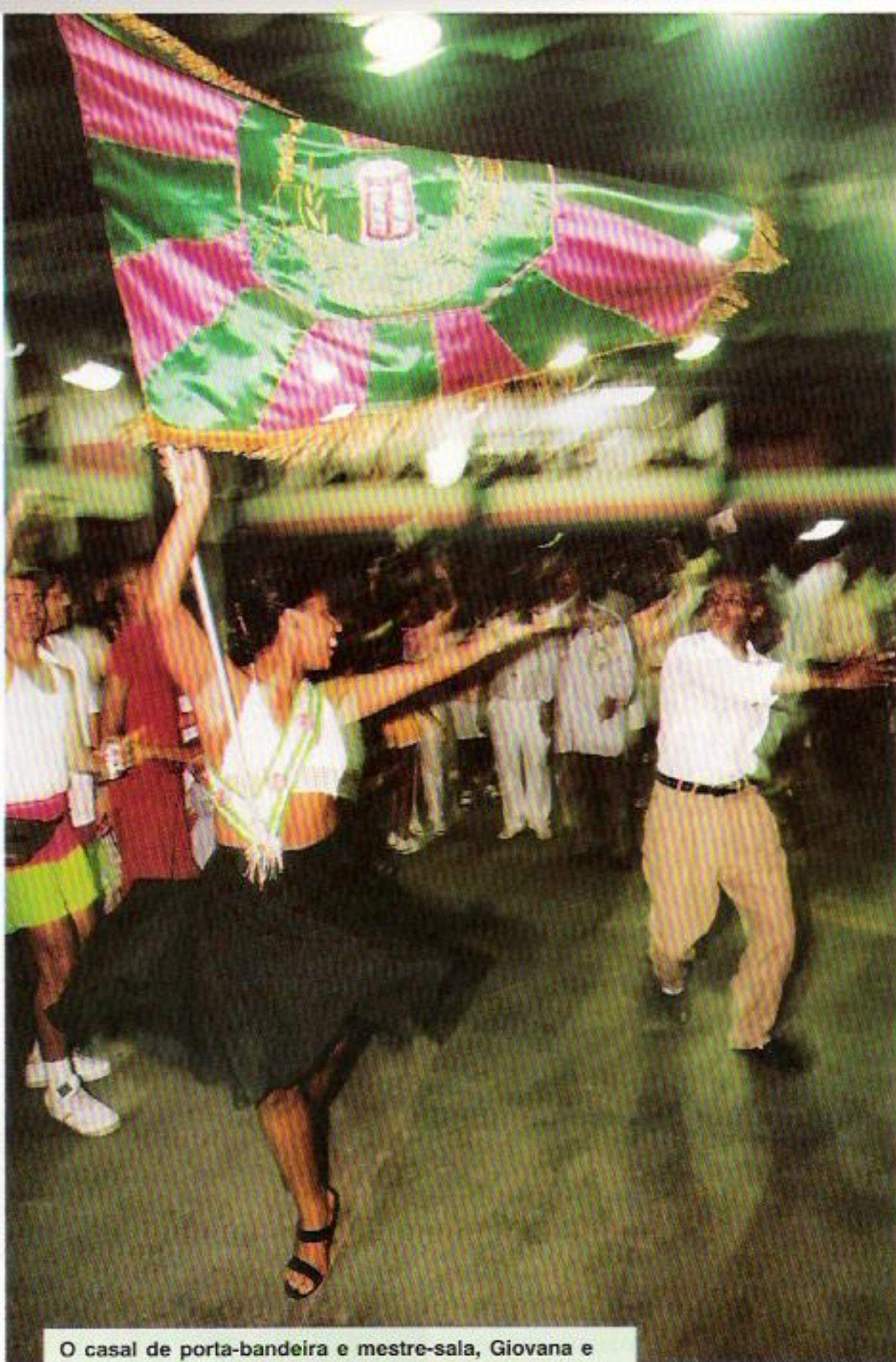
Que sua protetora não o ouça porque certamente lhe puxaria as orelhas. Alcione, uma espécie de faz-tudo na Mangueira comemora os dez anos da escola destacando os frutos colhidos. "Já oferecemos mais de 50 meninos para a escola grande. Estamos formando craques para o futuro. Nossa escola é uma fábrica de sambistas", festeja Marrom.

A Mangueira do Amanhã é assim: uma escola de braços abertos para receber crianças que precisem não só concretizar um sonho como também de assistência médica, psicológica e preparação profissionalizante.

**Orgulho** — Com uma década de existência, a escola mirim mangueirense se enche de orgulho para contar a sua história, que começou graças à perseverança de gente que faz muito pela samba. Como Tia Jô, ou Maria Joseli Leite Zoia, 64 anos, componente da Ala das Baianas, durante 25 anos, atual presidente da escola mirim fundada por ela mesma com a ajuda da cantora Alcione e do ex-presidente Carlos Dória.

Durante longos oito anos, Tia Jô foi vice-presidente — até que um infarto a deixou longe da escola no ano passado. Em janeiro desse ano, ela voltou com força total no comando de sua escola e, mesmo com poucos dias de trabalho pela frente, conseguiu colocar tudo em ordem. "Não poderia deixar de aceitar esse desafio. É muito amor e dedicação que não podem ficar de lado. Quero esquecer o pesadelo que foi ter ficado longe do carnaval no ano passado, fazendo um desfile lindo e emocionante", promete.

A escola mirim foi fundada no dia 15 de agosto de 1987, depois de uma conversa entre Dona Neuma e Tia Jô. As duas perceberam a vontade de uma



O casal de porta-bandeira e mestre-sala, Giovana e Marquinho, ensaiaram seus primeiros passos na Mangueira do Amanhã, sonhando com o dia em que defenderiam as cores da escola principal

garotinha em desfilar na ala das baianas ao lado de sua avó na escola principal, coisa impossível de acontecer. Resolveram, então, criar uma escola de samba para outras crianças que compartilhassem do mesmo sonho da pequena sambista.

**Oportunidades** — Com o apoio financeiro de empresas como a Xerox do Brasil, Bayer e Remington, foi possível fazer o sonho tornar-se realidade, para a alegria das comunidades vizinhas como Jacarezinho, Triagem, Tuiti e outras.

A idéia, além de simplesmente colocar uma escola mirim na avenida, era fazer um trabalho social com essas comunidades, oferecendo oportunidades como a participação da equipe de atletismo da Vila Olímpica, aulas de informática, cursos de operação de máquinas de Xerox — esses últimos geraram até agora cerca de 800 empregos nas próprias empresas parceiras no projeto.

Sem falar que as crianças também garantem vaga no Ciep da Nação Mangueirense, considerado modelo, trata-



mento médico hospitalar bancado pela Golden Cross, dentista e até psicanalista. Ao todo, são cerca de três mil crianças beneficiadas, que ainda podem participar das oficinas de artesanato da escola.

Essa oficina ensina de tudo: de aulas de bordados e trabalhos manuais em geral até a confecção de fantasias e carros alegóricos.

Tia Jô se alegra quando vê seus meninos e meninas tendo aulas de instrumentos diversos com professores do Observatório Nacional de Música ou participando de atividades literárias na Biblioteca da escola. Mais ainda quando vê suas crianças crescidas "jogando no primeiro time".

**Primeiros passos** — É o caso do casal de mestre-sala e porta-bandeira Giovana e Marquinho, que ensaiaram seus primeiros passos na Mangueira do Amanhã, sonhando um dia brilhar na escola principal. Hoje, na escola mirim, três casais de mestre-sala e porta-bandeira dividem esse mesmo sonho.

"As crianças querem mesmo é sair na bateria, na comissão de frente ou como mestre-sala e porta-bandeira. Mas para conseguir um posto considerado nobre como esses é preciso, além de muita disciplina e vontade, estar matriculado em uma escola, de preferência apresentando boas notas", diz Tia Jô, que participa de todos os ensaios da escola que terá 150 componentes na bateria, 14 meninos na comissão de frente e a participação de Ricardinho, que atravessará a avenida fazendo embaixadinhas.

Além das dificuldades normais encontradas ao assumir a escola há ape-



Os meninos da bateria ensaiam na quadra da escola para dar ritmo ao samba "De Menino a Rei Pelé" na avenida



Roberto Jefferson, componente do grupo Funk'n Lata: dois anos consecutivos como puxador do samba enredo

nas um mês antes do carnaval, Tia Jô ainda teve que enfrentar um problema que assola todas as escolas de sambas: a falta de dinheiro. Ganhou apenas R\$ 4,8 mil, como subvenção da Riotur, contra seu custo total de R\$ 80 mil para fazer seu desfile.

**Reciclagem** — "O dinheiro da Riotur só deu para pagar o trabalho das costureiras. O resto a gente está conseguindo com a ajuda da Estação Pri-

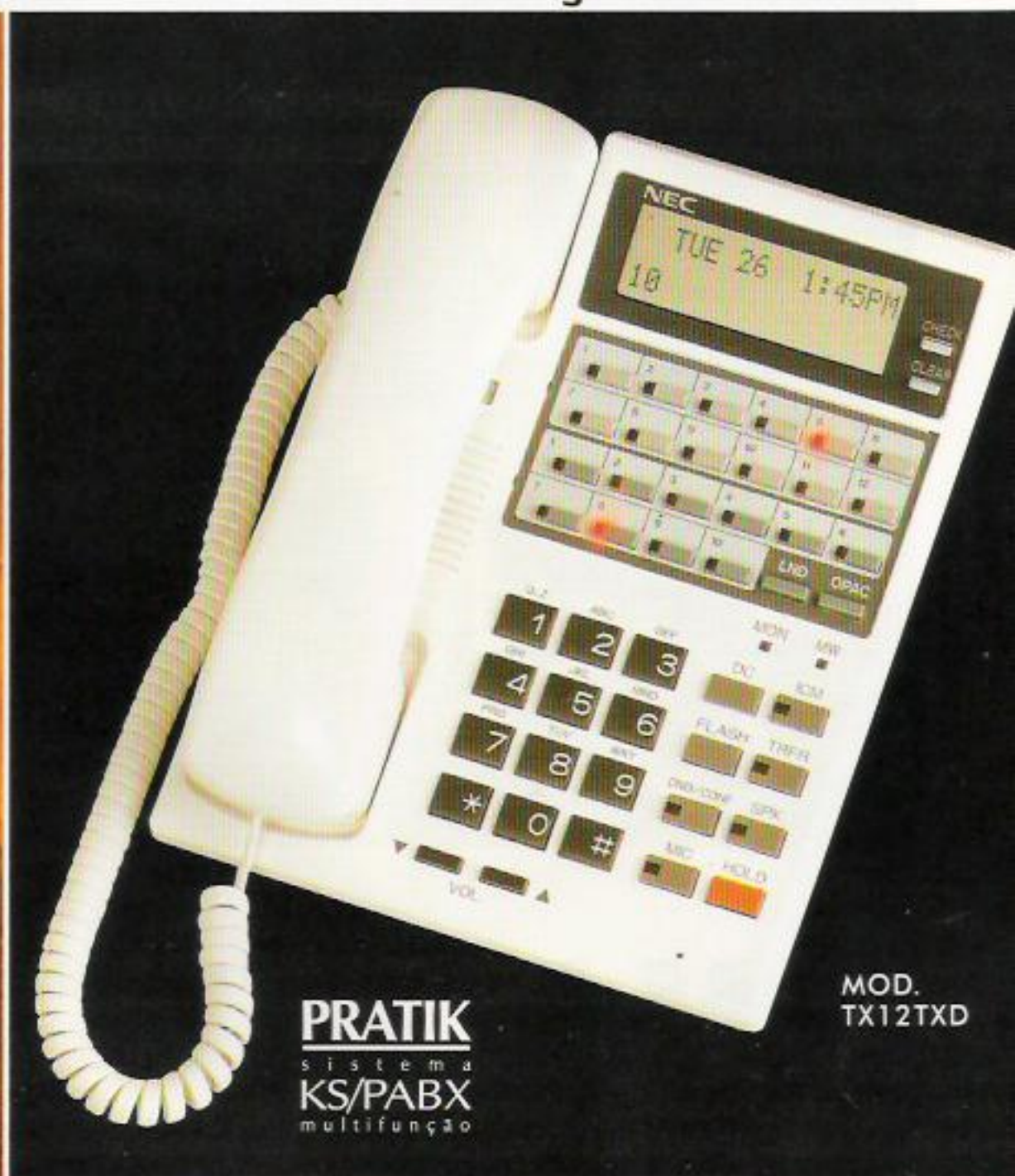
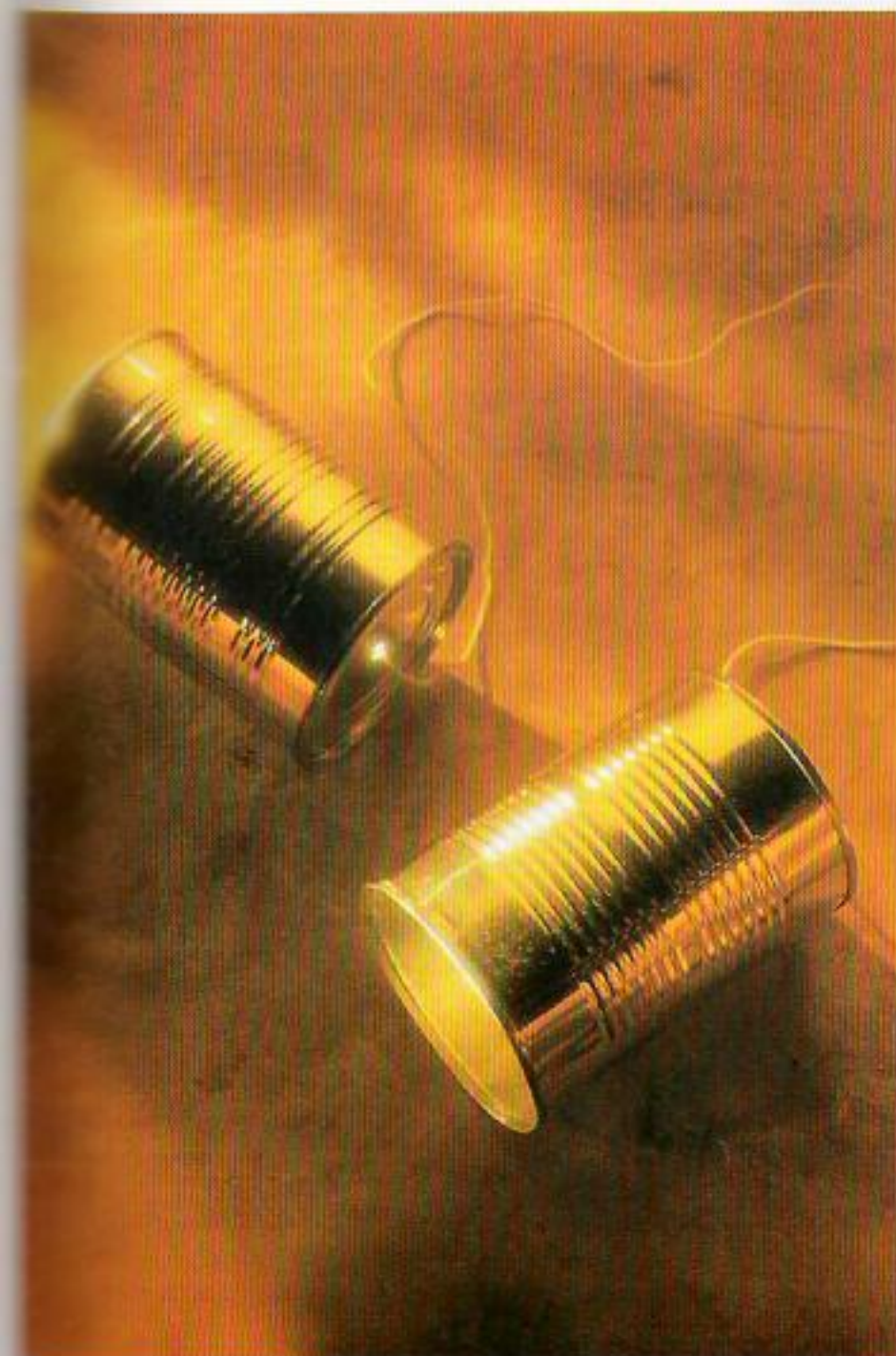
meira e reciclando todo o material do desfile do ano passado. Essa é uma das vantagens da escola valorizar as cores verde e rosa".

A Mangueira do Amanhã contará com a graça e o talento da pequenina Tamires, a Tatá, 3 anos, bisneta de Dona Neuma, que é a porta-bandeira mascote da escola e sairá ao lado do mestre-sala Delegado, por exigência própria. "Gosto de sair só com ele e pronto. Quando crescer serei muito boa", promete a menininha, que deverá seguir o exemplo do garoto Manuel Melo Neto, 15 anos, desde os sete como principal mestre-sala da escola. O rapaz é considerado um fenômeno em sua arte e apontado como uma das maiores revelações da escola. ■

Martha Esteves é jornalista



# VANTAGEM A FAVOR DA COMUNICAÇÃO.



Se a comunicação da sua empresa ou escritório anda meio fora de forma, você precisa conhecer a linha Pratik da NEC, empresa líder em tecnologia de telecomunicações. Dois modelos de KS/PABX, preparados para vencer os mais difíceis obstáculos de telefonia empresarial. Com eles, você otimiza a utilização das linhas telefônicas e faz integração total entre os ramais do sistema, agilizando e melhorando a qualidade de atendimento telefônico na sua empresa. Permitem comunicação simultânea (conferência) entre 6 ramais internos e mais duas ligações externas, discagem abreviada para 100 números e muito mais facilidades. Além disso, aceitam aparelho telefônico comum ou aparelho KS na mesma posição de ramal. Opcionalmente, você pode ativar a função de tarifação e bilhetagem. Tudo isso, com a garantia e assistência técnica NEC. Linha Pratik. A melhor jogada para colocar a comunicação da sua empresa sempre em vantagem.

**NEC**  
**NEC DO BRASIL**

**CORPORATE SYSTEMS**

Rua Vergueiro, 1.759 - Vila Mariana - São Paulo - SP  
CEP 04101-000 - Tel: (011) 889 1630 - Fax: (011) 889 1649





# UMA HISTÓRIA DE MUITOS TONS E SENTIMENTOS

Luciana Conti

Amar é o verbo que rege o universo da Estação Primeira de Mangueira. Lá no Morro não há quem duvide de que amar é um verbo transitivo. Por lá, cultua-se apaixonadamente o verde e rosa que colore o pavilhão da escola há 69 anos. Seduzidos por este sentimento, muitos já tombaram. Nelson Cavaquinho, Cartola, Babaú, Padeirinho, mestre Valdomiro, Neide e Juvenal são alguns

dos que deixaram a quadra e a avenida para entrar na história da verde e rosa. E é na memória de gente como dona Neuma, Carlos Cachaca, dona Zica, Delegado, Mocinha, Tia Alice e Xangô que os primeiros anos da agremiação ainda resistem.

Foi, justamente, por temer pela preciosidade desta história que o pesquisador Hermínio Bello de Carvalho, ainda no final dos anos 60, teve a idéia de criar um centro de memória na Mangueira, que começa

a ser viabilizado agora. "Tem muita informação sobre a Mangueira espalhada no morro. É preciso preservar isso enquanto há tempo, para que as crianças possam um dia conhecê-la", diz Herminio.

**Parceiros** — O projeto não era solitário. Nasceu em meio à turbulência dos jovens dos Centros Populares de Cultura (o CPC da UNE) e tinha em Paulinho da Viola e Elton Medeiros dois parceiros, que, como Herminio, pretendiam coletar fotos,





**Os primeiros dias da verde e rosa estão aprisionados na memória de gente como Carlos Cachça, que, além de ser o único fundador vivo, é a lembrança do apogeu da ala dos compositores**

gravar depoimentos e grandes sambas das suas escolas. Herminio chegou a discutir a idéia com Candeia, mas o projeto nunca decolou. Vinte anos depois, com Cartola, Candeia e Nelson Cavaquinho já mortos, Herminio voltou à carga. Contou ao diretor cultural da Mangueira, José Maria Monteiro, seu antigo sonho de organizar um centro de memória da verde e rosa.

A idéia agradou ao presidente da escola, Elmo José dos Santos, que, depois do carnaval, começará a procurar parceiros para montar um museu, uma biblioteca, um auditório e um banco de dados no terceiro andar da quadra. Mas, hoje, a Estação Primeira não poderia contar com o tempo de Herminio que, além de pesquisador, é escritor, produtor cultural, compositor e, é claro, fanático mangueirense. "Posso ajudar, mas é preciso alguém *full time* para coordenar uma equipe de pesquisa e documentação que organize as informações em um banco de dados informatizado para dar aos jovens acesso fácil, por exemplo, no Camp Mangueira", sugere.

**Razão de viver** — A Mangueira já não é a mesma dos tempos do Zicartola; da quadra do alto do morro, mas continua a abrigar personagens que fazem do samba e do morro sua razão de viver. Os primeiros dias da verde e rosa estão aprisionados na memória de gente como Carlos Cachça, que, além de ser o único fundador vivo, é a lembrança do apogeu da ala dos compositores. Há



**Herminio Bello de Carvalho, idealizador do projeto: "É preciso preservar esta história enquanto há tempo, para que as crianças possam um dia conhecê-la"**



**Em Mangueira, amor passa de geração em geração e os jovens continuam fazendo história. Não foi por acaso que a primeira escola mirim do Brasil nasceu na verde e rosa**

também as mulheres que, como dona Neuma e dona Zica, acompanharam de perto por parentesco ou casamento o dia-a-dia da Estação Primeira, pela força da tradição, dividem o posto de primeira dama da verde e rosa.

Em Mangueira, amor passa de geração em geração e os jovens continuam fazendo história. Não foi por acaso que a primeira escola mirim do Brasil nasceu na verde e rosa. E como não podia deixar de ser, em 1988, quando a Mangueira do Amanhã pisou na avenida, o enredo homenageava mestre Valdomiro. Foi ele que, com sua temida batuta, criou e amou a primeira bateria mirim de uma escola de samba. E é gente como Chiquinho da Mangueira, que planejou e dirige a Vila Olímpica, que pode contar porque a Mangueira mais parece um céu no chão. ■

Luciana Conti é repórter da Coluna Informe JB, do Jornal do Brasil



# SAÚDE

## PEDE PASSAGEM

**T**oda a comunidade da Mangueira está empenhada em organizar um tipo diferente de desfile: o desfile da saúde. A pedido do presidente da Estação Primeira, Elmo José dos Santos, a pediatra Nadia Pereira Christino, coordenadora do Posto Comunitário de Saúde do Buraco Quente, elaborou o projeto de revitalização do posto, com um relatório detalhado de seu histórico, suas necessidades e o orçamento anual para garantir qualidade de atendimento. "Logo após o Carnaval vamos assumir o posto junto com a Dra. Nadia, que faz um trabalho no Buraco Quente, buscando parcerias com as empresas", anuncia o presidente da verde e rosa.

Funcionando desde 1989, em instalações doadas pela igreja N.S. da Consolata, o posto tem um convênio com a Secretaria Municipal de Saúde, que dá suporte técnico e científico, fornece remédios e cede dois médicos — um clínico geral e um pediatra. Mas depende, sobretudo, do trabalho voluntário da Dra. Nadia e sua equipe de agentes comunitários.

O atendimento — consultas médicas — é feito três vezes por semana e o acompanhamento ambulatorial, que inclui tratamento de nebulização, aplicação de injeções, curativos e distribuição de remédios, mediante apresentação da receita pode ser realizado de segunda a sexta-feira. No ano passado, foram 700 mil atendimentos,



No ano passado, o posto médico da Mangueira fez 700 mil atendimentos — cerca de três mil consultas médicas

dos quais cerca de três mil com consultas médicas.

O posto não está capacitado a realizar intervenções cirúrgicas nem a prestar serviços de pronto-socorro, como ressalta a Dra. Nadia, mas poderá prestar atendimento odontológico — os equipamentos para o gabinete dentário foram doados pela empresa alemã Kavo, a pedido do *trapalhão* Mussum, mas aguarda a contratação de profissionais.

**Bombeiro e pedreiro** — Há um outro gabinete, do mesmo fabricante, doado pela polícia de Frankfurt, que depende de infra-estrutura hidráulica adequada para ser instalado. É preciso encontrar um bombeiro hidráulico e um pedreiro da comunidade dispostos a realizar a obra necessária, para a qual faltam recursos. "Técnicos da Kavo sediados em Curitiba estão à nos-

sa disposição para instalar, de graça, o equipamento. Esperam apenas que façamos a obra", informa a coordenadora do posto.

É por isso que, para revitalizar o posto — reforma das instalações, manutenção, formação de agentes comunitários e contratação de profissionais de saúde, como dentistas e auxiliares de enfermagem — é fundamental o envolvimento da escola de samba, comenta a Dra. Nadia, ela própria integrante da diretoria: "A Escola tem mais possibilidade de conseguir verbas para o posto, já que tem contatos com a imprensa para divulgar suas necessidades e com empresas que podem ajudar financeiramente. É muito importante este trabalho conjunto". O presidente assina embaixo. ■

Elane Maciel



# & COMIDA BADALAÇÃO CHARME O FORTE DO PIANTELLA

Quem acompanha de perto a história gastronômica da cidade desde seu começo sabe que, aqui os restaurantes inauguram e, se fazem sucesso vão, pouco a pouco, adaptando-se ao público que frequenta, reformando aqui, modificando o cardápio com novos pratos, crescendo e aparecendo. Um desses, inaugurou há bastante tempo, 20 anos atrás, e ficou como ponto de encontro de políticos, jornalistas, diplomatas e sociedade. Foi o Piantella, que mantém até hoje o padrão de qualidade. À frente, seu proprietário Marco Aurélio Costa que não descuida de nenhum detalhe, seja quanto aos pratos servidos, passando pelo atendimento aos clientes, até chegar na degustação de vinhos. É um craque.

O Piantella é um local que você encontra as pessoas que brilham na cidade, um restaurante onde você sabe que vai ver quem inte-

ressa e saborear pratos magníficos como: *Ossobuco di Vitello alla Meneghettina; Costoletta di Vitello alla Milanese; Pernice al Vino Bianco con Polenta; Langue de Boeuf au Poivre Vert; Crevette Flambé au Whisky; Spaghetti Profondo Mare; Ravioloni di Mozzarella di Bufala al Pomodoro Fresco; Risotto Al Pesto di Rucola e Gamberretti; Risotto Al Funghi Porcini*. No novo cardápio esses têm sido os pratos mais solicitados.

Um dos pontos mais badalados do Piantella é o seu bar extremamente aconchegante com decoração e iluminação absolutamente adequados, onde dá logo vontade de ficar bebericando em boa companhia e

assistindo aos poderosos do Governo desfilando.

Marco Aurélio agora estuda instalar uma casa noturna à beira do Lago (neste novo projeto do Governo Cristovam "Orla do Lago") com música ao vivo e outros detalhes.

PIANTELLA: SCLS 202 Bl. A Loja 34

Tel.: (061) 224-9408 ou 321-0412





A conquista maior da gestão de Elmo dos Santos foi devolver à Mangueira a união entre seus componentes: "a escola agora vai com um chão muito forte para a Avenida"



Começou a tocar ainda pequeno, numa bateria improvisada com latas: o tarol era uma lata de manteiga; o surdo, latão de óleo; embalagens de leite em pó viraram cuícas e de leite condensado, chocalhos. "Meu pai me ensinou desde pequeno: eu repicava e meu irmão marcava", recorda.

Com mestre Valdomiro ingressou na bateria mirim passando por uma prova que o mestre não deixava por menos. "A gente tinha que dominar quatro instrumentos e um deles provar que amava mesmo". De ritmista, passou a coordenador de bateria, depois foi passista, compositor (foi um dos parceiros do samba vencedor de 79) e, finalmente, a função que o conquistou: diretor de Harmonia. Ao ser empossado no cargo, aos 32 anos, foi saudado com sal grosso e arruda macho por Xangô, numa roda de samba na quadra que reuniu todos os diretores de harmonia.

**Lição ao pé da letra** — A mesma emoção Elmo sentiu ao vencer a campanha para a presidência da escola e ouvir de Nelson Sargento: "Olha, meu jovem, a Mangueira é uma árvore frondosa, que dá bons frutos, mas para que os galhos cresçam é preciso cuidar do tronco e da raiz". O novo presidente tomou a lição ao pé da letra e foi o velho Nelson o primeiro a retornar ao seu lugar de sustentação da Mangueira.

"A escola agora vai com um chão muito forte para avenida", garante Elmo, que orgulha-se de ter trazido de volta figuras como as cantoras Alcione e Leci Brandão, mangueirenses "roxas", e dado lugar de destaque a baluartes como Carlos Cachaca, o presidente de honra da escola, Dona Zica, Delegado e outras figuras históricas. "Eles são a Mangueira e de forma alguma podem ser maltratados", desabafa. O quadro de 4 mil sócios que havia sido reduzido a 488, pouco a pouco vai se recompondo.

Agora, o desafio da diretoria é a reforma do estatuto, para apertar a

# RECEITA DE SUCESSO

**Q**uando, em abril de 1995, Elmo José dos Santos assumiu a presidência da Mangueira, tinha uma idéia fixa. Ou melhor, tinha 21 idéias fixas e delas fez sua plataforma de trabalho. A principal: devolver à Mangueira a união entre seus componentes, trazendo de volta ao centro do palco as personagens históricas e as pessoas que contri-

buíram para fincar ainda mais alto a bandeira verde e rosa. "Minha escola estava totalmente dividida", lembra ele. "O caras não acreditavam mais que o que sustenta o tronco é a raiz".

Filho de Tinguinha, eterno mestre de bateria, e sobrinho de Chico Torrão, o primeiro ensaiador dos ritmistas, Elmo, o terceiro de nove irmãos, nascido e criado no Buraco Quente, tinha que entrar na Mangueira pela porta dos instrumentos.





**Célia, a fiel companheira de Elmo: "quem o conhece sabe que ele é saudosista com tudo o que se refere à Mangureira e põe emoção no que faz"**

trama da peneira na escolha de novos diretores. "Pessoas que trataram mal Dona Neuma e Jamelão, por exemplo, não podem ter o direito de passar nesta triagem", protesta o presidente. "Quem o conhece sabe que ele é saudosista com tudo o que se refere à Mangureira e põe emoção no que faz", comenta a fiel companheira Célia. Ela, que ficou responsável pelo carro dos Baluartes — o abre-alas da escola —, no ano passado levou 14 personalidades mangueirenses para a abertura do desfile. "Este ano, serão 22", diz orgulhosa (ver quadro na página 23).

Da plataforma de 21 propostas, defendidas desde a campanha, 18 já foram cumpridas neste um ano e nove meses de mandato. Até abril de 98, quando termina sua gestão, Elmo quer ter concluído o programa com os itens que restam: a reformulação do estatuto, o programa de recuperação e assistência a meninos de rua e a construção do terceiro andar na sede da escola, onde será montado o museu da Mangureira. "Quero reunir a primeira

bandeira, a primeira fantasia, o primeiro instrumento, para ensinar à garotada o que é uma escola de samba de verdade", entusiasma-se.

Aos 41 anos, Elmo Santos conseguiu reunir uma diretoria que não só resgatou o passado mangueirense, através de suas raízes, como vem trabalhando para que a escola continue a produzir bons frutos. Representantes dos conselhos comunitários do Buraco Quente, Chalé, Candelária e Telégrafo foram chamados para participar da direção e, com isso, dar unidade ao trabalho, atendendo ao morro inteiro e não a interesses isolados.

**Novo xodó** — A Escola de Cuiqueiros, reunindo 12 meninos de dez



**Uma outra boa tacada da atual diretoria nasceu de uma idéia simples: transformar o barracão da Praça Onze em quadra de ensaios**

a 12 anos, o mais recente xodó da Mangureira, é uma homenagem póstuma a mestre Valdomiro, criador da primeira bateria mirim em escolas de samba. Quando completou 83 anos, o velho diretor de bateria confidenciou a Elmo que, quando morresse queria uma cuíca roncando no seu enterro. "No ano seguinte, mestre Valdomiro morreu e eu convoquei três cuiqueiros: Tião, Nelinho e Xuca; mas os outros ritmistas reclamaram, dizendo que também queriam homenagear o mestre. No fim, havia 350 instrumentos no enterro", relata Elmo, que ainda se emociona ao lembrar do cortejo.

Investir na comunidade passou a ser a prioridade das prioridades na diretoria. No ano que vem, a escola completa 70 anos vendo retornar ao morro o mesmo espírito de solidariedade da época de Cartola. Os trabalhos sociais, que renderam à Mangureira uma premiação na Unesco, vão desde a Creche Nação Mangueirense (ou Espaço Tia Neuma, como também é conhecida), que já atende a 30 crianças entre 2 e 3 anos, e o atendimento médico a idosos.

"Se a gente ficar esperando pela Prefeitura, todos os pedidos acabam em processos e naquela burocracia toda", diz Célia. "O melhor que se faz é seguir o que sempre fizeram as nossas tias no morro: ver em quem cada um pode ajudar e apadrinhar quem precisa. É mais fácil", comenta, decidida. Célia é assessora da presidência da escola, mas na diretoria faz de tudo um pouco. O prédio para a creche a escola ganhou da Prefeitura e Dona Neuma foi a principal conselheira de como montar o trabalho. Afinal, de cuidar de criança ela entende bem, com a coleção de filhos adotivos que somou aos naturais.

Outra boa tacada da diretoria nasceu de uma idéia simples: transformar o barracão da Praça Onze em quadra de ensaios. No início houve quem duvidasse da proposta de Elmo,



mas o tempo está comprovando o sucesso da iniciativa. As alegorias passaram a ser confeccionadas em um armazém do cais do porto, ao lado de barracões de outras escolas, e o espaço da Praça Onze ganhou ares de quadra mesmo.

**Fórmula simples** — O palco é ornamentado ao fundo por uma grande ilustração que remete ao cenário do morro, o telhado, bem alto, deixa frestas nas laterais, para manter o local arejado, e nas mesas, bem distribuídas em torno do salão, animados pagodes antecedem os ensaios. Aos sábados, quando a bateria se transfere para a sede, na Mangueira, a quadra da Praça Onze, o braço mangueirense no Centro da cidade, cede espaço aos bailes charm, invariavelmente lotados. Uma fórmula simples de aumentar a receita.

No ano que vem, a escola trará de volta a ala dos mestres-salas e portas-bandeiras mirins. Delegado já treina com afinco os futuros mestres da Mangueira. "A gente reúne mais de cem moleques para vem quem tem habilidade pra isso", diz ele, que guarda em sua casa a mini-bandeira de Tatá, de 3 anos, bisneta de Dona Neuma. De uma precocidade surpreendente, Tatá mal acabara de aprender a andar, já ensaiava os primeiros passos de samba, que hoje domina com perfeição.

Ainda errando as palavras, como qualquer criança da sua idade, sabe de cor o samba enredo da escola e atende com maestria os comandos de Delegado. Tatá é o símbolo do renascimento da Mangueira ao que sempre foi prezado no morro: o amor incondicional à verde e rosa. "A Mangueira passou por períodos difíceis, a escola estava doente porque havia pessoas que não aprenderam o amor do berço e cochilaram. Outras escolas também estão sofrendo por isso, mas hoje, na Mangueira, a desunião é coisa do passado", afirma Elmo.

Irany Tereza

## PLATAFORMA DE 21 IDÉIAS FIXAS

- ☐ Reunir novamente grandes baluartes, jovens, associados e amigos
- ☐ Anistia geral, ampla e irrestrita aos associados
- ☐ Criação do Conselho da Comunidade
- ☐ Criação do Conselho de Carnaval
- ☐ Reaparelhar e prestigiar a Bateria Nota 10
- ☐ Reforma da quadra (\*)
- ☐ Informatização em rede
- ☐ Criação do acervo visual, fotográfico e cultural (\*)
- ☐ Reformulação do estatuto (\*)
- ☐ Criação da Loja da Mangueira na quadra
- ☐ Criação de um centro de atendimento médico, odontológico e social
- ☐ Volta do Projeto Recriança
- ☐ Total apoio aos projetos para a comunidade (Baile de Debutantes, Mangueira do Amanhã e eventos)
- ☐ Atelier mangueirense, com mão-de-obra prioritariamente da comunidade
- ☐ Respeito aos sócios comunitários, instituindo mensalidade simbólica
- ☐ Conversão do Plano Real para sócios contribuintes para cobrança de mensalidade justa
- ☐ Respeito ao horário dos ensaios
- ☐ Criação de infra-estrutura na Secretaria, para atendimento aos associados
- ☐ Desenvolvimento de um trabalho sério na Liesa, para a Mangueira ser ouvida
- ☐ Suporte total à Vila Olímpica da Mangueira
- ☐ Transformar a diretoria em elo de ligação entre a juventude mangueirense e a comunidade

(\*) Itens do programa que ainda não foram alcançados, mas que estão em projeto para conclusão até 1998.





## CONSELHO DELIBERATIVO

A Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, fundada como Grêmio Recreativo, é regida por um Conselho Deliberativo formado por 30 membros eleitos e dez suplentes — além de contar com a contribuição de todos os Grandes Beneméritos da escola e dos ex-presidentes. A função desse Conselho é fiscalizar os gastos e tudo o que acontece na escola de samba — as decisões tomadas pelo presidente ou as contas da escola, por exemplo, passam por uma comissão fiscal antes de serem submetidas ao Conselho Deliberativo, eleito pelos 4 mil sócios da agremiação que pagam uma mensalidade de R\$ 2.

O atual presidente do Conselho é Arthur Rosa, filho do ex-presidente Ed Miranda Rosa. Para ser presidente basta ser sócio, receber uma indicação e ter seu nome aprovado pela maioria dos membros.

## MARQUINHO E GIOVANA

No ano passado, cinco notas 10 coroaram a passagem de Marquinho e Giovana na Avenida. Este ano, o casal de Mestre-sala e Porta-bandeira volta à Sapucaí disposto a repetir o feito, sem fórmulas mirabolantes. "Não ensaiamos coreografias especiais", diz Marquinho. "A gente apenas mostra o que sabe no desfile". Há sete anos como Primeiro Mestre-sala da



escola, há três ele faz par com Giovana, para deslumbrar jurados e público no Sambódromo. Os dois garantem que não há segredo em sua exibição: é só chegar na avenida e evoluir, com naturalidade e arte.

## XANGÔ

Mestre Xangô, que há 46 anos dirige a harmonia da escola, preparou modificações de peso para este ano. Pela primeira vez, a Direção de Harmonia está ensaiando a Ala das Baianas, para a Mangueira apresentar uma nova coreografia na Avenida. Também a Ala das Crianças está tendo ensaios especiais. O Departamento de Apoio definirá, ainda, a distribuição de 120 pessoas que terão responsabilidades específicas sobre cada setor, desde a Comissão de Frente até a última ala. "Vamos guarnecer todos os pontos da escola, com funções determinadas, para dar mais segurança e organização durante o desfile", diz Xangô.



## DÉBORA COLKER

O enredo sobre as Olimpíadas caiu como uma luva para a bailarina e coreógrafa Débora Colker que, pelo terceiro ano consecutivo, prepara a Comissão de Frente para o desfile mangueirense. Responsável por um dos espetáculos de dança mais bem sucedidos na temporada nacional do ano passado — *Velox*, também inspirado em esportes — Débora bolou um verdadeiro show para a Comissão de Frente, que formará, na avenida, desenhos gráficos com bambolês, uma alusão aos aros do símbolo olímpico.



Nada mais tórrido. Imagine a cena. Uma antropóloga paulista que desconhece o carnaval se vê de repente em plena quadra da Mangueira em dia de ensaio, impelida única e exclusivamente por uma pesquisa encomendada e pelos conselhos de seu analista. Ao som da bateria, seus olhos cruzam com os de um executivo carioca, bambam-bam de uma grande empresa, a gravata frouxa no colarinho, um apaixonado pelo som do tamborim. Imediatamente ela se apaixona perdidamente pelos dois — pelo samba e pelo seu novo amor. Esses são os ingredientes básicos da minissérie "Mangueira", dirigida por Marco Altberg e estrelada pelo casal Alexandre Borges e Julia Lemmertz, que foi ao ar entre 3 e 7 de fevereiro, em cinco capítulos de meia-hora cada, sempre às 21h30, pelo canal Multishow da Net/Globosat.

**Comédia singela** — "Ela é uma menina que destesta carnaval. Ele, um cara que adora. Os dois se encontram no turbilhão do samba carioca. É uma comédia singela que termina em *happy end*. Todo mundo vai gostar", aposta Altberg, que filmou em 16 milímetros — película cinematográfica — e incluiu na minissérie cenas gravadas na Marquês de Sapucaí durante o desfile da Mangueira em 1996. Segundo ele, a idéia surgiu ano passado, quando José Maria Monteiro o convidou para filmar o desfile da Passarela do Samba. "O material que conseguimos deve virar um documentário, mas aproveitamos al-

guma coisa na minissérie", adiantou.

Os protagonistas desse romance tipicamente carioca são paulistas de carteirinha. "Não sou cego em samba, já desfilei duas vezes na Vai-vai", considerou Alexandre Borges. "Devo dizer que costume aproveitar o carnaval para descansar", confessou Julia Lemmertz. Apesar da aparente distância

sugere que ela supere — ou "trabalhe", como preferem os especialistas — seu ódio pelo carnaval.

**Conceitos de perfeição** — Já Alexandre Borges está em casa. "Eu faço o Marcelo, um executivo que aproveita em sua empresa os conceitos de perfeição que dominam o carnaval. A minissérie mostra que, ao lado da alegria, a escola estimula a organização para tirar a nota dez em todos os quesitos, uma lição que o executivo reproduz nos seto-

res da empresa que dirige", explicou Alexandre. O ator contou que é um apaixonado pelo carnaval desde os tempos de criança. "Não esqueço das matinês dos bailes e confesso que é impossível ficar parado ao som de uma bateria". Alexandre recorda que a maior emoção da filmagem foi quando teve de gravar cenas tocando tamborim junto aos ritmistas da Mangueira: "Era dia de ensaio, a quadra estava cheia. De repente me vi ali, ao lado daqueles mestres. Foi uma tremedeira no início. Depois, foi legal".

Impregnados pela magia do samba, como o Marcelo e a Joana que interpretam na minissérie, Alexandre e Julia não descartam a hipótese de desfilar este ano pela verde e rosa. "Acho que ia ser demais", arriscou o ator. "Estou pensando nisso. É uma forma de coroar esse trabalho. Mas nada de desfilar em cima de carro alegórico. Quero sair no chão", avisou a atriz.

Pelo jeito, o romance da telinha vai se espalhar pela Sapucaí. ■

Alexandre Medeiros



Alexandre Borges e Julia Lemmertz personagens de uma história de amor no cenário da Mangueira

## AMOR À PRIMEIRA VISTA

do enredo, o casal se encaixou perfeitamente no roteiro. "Foi muito divertido fazer essa minissérie. Lembrei dos tempos em que ficava acordada até alta madrugada esperando a Mangueira passar na TV", recordou Julia. Ela interpretará Joana, a pesquisadora que vem para o Rio por conta de um trabalho encomendado e com a força de um analista que



**A**gradecemos às empresas/cidadãs que têm acreditado nos projetos sociais realizados pela Mangueira. Parceiras antigas ou recentes, essas empresas confiam que o Rio e o Brasil podem ser melhores se houver apoio — sem tutela — às iniciativas de comunidades como a nossa.

### **Elenco de 20 das principais parceiras da Mangueira** (ordem alfabética)

**BANCO FATOR**  
**BINGO ARPOADOR**  
**BR DISTRIBUIDORA**  
**BRASPRESS**  
**CORREIOS**  
**EMBRATEL**  
**EQUITEL**  
**ERICSSON**  
**FURUKAWA**  
**GOLDEN CROSS**  
**HOTEL GLÓRIA**  
**HYUNDAI**  
**LEITE DE ROSAS**  
**NEC**  
**PROMON**  
**REDE SANTA MÔNICA DE ENSINO**  
**TELERJ**  
**VASP**  
**XEROX**  
**WHITE MARTINS**



**DÊ UM ALÔ NO  
SEU ORELHÃO.**

**HÁ 25 ANOS ELE  
É SEU AMIGÃO.**



**Vamos comemorar os 25 anos do orelhão no maior carnaval. Use o seu cartão e, quando você não estiver com ele no bolso, o orelhão não deixa você na mão. É só discar 9 + código da cidade + o número desejado.**